



DIANA DADOORIAN

A GRAVIDEZ DESEJADA EM ADOLESCENTES
DE CLASSES POPULARES

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, abril de 1994.

DIANA DADOORIAN

**A GRAVIDEZ DESEJADA EM ADOLESCENTES DE
CLASSES POPULARES**

Dissertação apresentada ao Departamento de
Psicologia da PUC/Rio como parte dos requisitos
para obtenção do Título de Mestre em Psicologia
Clínica.

Orientadora: Maria Helena Novaes Mira

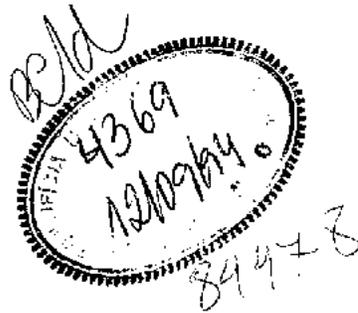
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

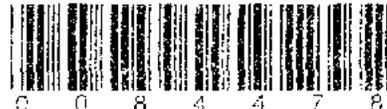
Rio de Janeiro, abril de 1994.

UC 57847-3

57295



N. Chamada: 150 / D121g / TESE UC
Título: A gravidez desejada em adolescentes de c



EX 1-CENTRAL

2142

150
D 121g
TESE UC

Ao meu querido primo,
Ricardo Ovakim Palazyan,
in memoriam

MEUS AGRADECIMENTOS

Aos familiares e amigos que direta ou indiretamente me ajudaram, e, especialmente,

- aos Meus queridos pais, por despertarem o meu interesse científico.
- a Minha tia, Maria da Graça Teixeira, pelo estímulo e entusiasmo depositado.
- a Marco Antonio Figueiredo, cujo carinho, confiança e apoio intelectual me estimularam a concretizar esse projeto.
- a Maria Helena Novaes Mira, que me aceitando como orientanda, acreditou nos meus ideais profissionais.
- aos Professores que me acompanharam neste percurso, em especial a Circe Navarro Vital Brazil, Anamaria Ribeiro Coutinho e Ana Carolina Lo Bianco, pela troca de conhecimentos.
- a Ana Lúcia Motta, cuja vivência profissional muito me ajudou a compreender a dinâmica adolescente.
- a Maria Helena Ruzany e Evelyn Eisenstein, pela possibilidade oferecida para desenvolver a experiência profissional com adolescentes.
- ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela ajuda financeira recebida durante o curso.
- ao Instituto Fernandes Figueira, que permitiu a realização das entrevistas desta pesquisa.
- e, sobretudo, as Adolescentes entrevistadas, cuja entrega tornou possível a elaboração desta dissertação.

RESUMO

A gravidez na adolescência constitui-se tema de grande relevância na realidade social brasileira. O enfoque médico tradicional e uma política de atendimento meramente higienista relaciona a gravidez como sendo "indesejada" e decorrente das mudanças sociais na esfera da sexualidade e da desinformação sexual das jovens. A presente dissertação questiona essa posição postulando a importância do significado individual da gravidez que corre paralelo ao desejo universal de ter ou não ter um filho, bem como a noção de uma "gravidez social" determinada por fatores culturais e psicológicos que particularizam o significado da maternidade em adolescentes de classes populares. Na investigação de campo foram realizadas vinte entrevistas com adolescentes de 14-17 anos de classes populares do Rio de Janeiro utilizando-se um enfoque descritivo da problemática envolvendo a análise do conteúdo temático dessas entrevistas. Conclui-se que a abordagem psicanalítica, associada ao estudo dos aspectos sociais e culturais implícitos, apontam para uma prática clínica mais efetiva com essas adolescentes, assim como, para um aprofundamento da compreensão da complexidade dessa situação.

ABSTRACT

Teenage pregnancy is a relevant theme in Brazilian social reality. The traditional medical focus and an higienistic policy of attendance relates the "undesirable" teenage pregnancy to social changes in sexuality and to the lack of sexual informations. The present study contest this position postulating the importance of the significance of an individual pregnancy, as well as the universal desire of having or not a baby in adolescence, and the notion of "social pregnancy" determined by cultural and psychological factors that particularize the meaning of motherhood in popular classes of adolescents. A research with twenty teenages pregnant 14-17 years old of popular classes in Rio de Janeiro was done by using a methodology of case studies and thematic analysis of the interviews. The conclusions point out that a psychoanalytic focus of the problem linked to the study of social and cultural aspects make a more comprehensive approach, as well as a more effective clinical practice with these teenages.

PALAVRAS CHAVE

- GRAVIDEZ
- MATERNIDADE
- ADOLESCÊNCIA
- FAMÍLIA
- FEMINILIDADE
- PSICANÁLISE
- CLASSES POPULARES
- SEXUALIDADE
- MODELOS SÓCIO-CULTURAIS
- PRÁTICA CLÍNICA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
I. A SITUAÇÃO ATUAL DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E SEUS ENFOQUES INTERPRETATIVOS.....	4
II. A INFLUÊNCIA DOS MODELOS FAMILIARES E DAS CLASSES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA FEMINILIDADE ...	14
III. SEXUALIDADE E MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA.....	24
IV. INVESTIGAÇÃO DE CAMPO COM ADOLESCENTES GRÁVIDAS DE CLASSES POPULARES.....	36
IV.1- Metodologia.....	36
IV.2- Relato das Entrevistas.....	37
IV.3- Discussão dos Dados Obtidos.....	78
IV.3.a - Caracterização do perfil do grupo dessas adolescentes.....	78
IV.3.b - Vida Familiar (estrutura e dinâmica)....	78
IV.3.c - Vida Social (escola, trabalho, lazer)....	80
IV.3.d - Atividade Sexual e Episódio da gravidez.....	82
IV.3.e - Dados de Informação e Educação Sexual....	85
IV.3.f - Projetos de Vida	86
CONCLUSÃO.....	88
BIBLIOGRAFIA.....	91
ANEXOS.....	99

INTRODUÇÃO

O estudo da adolescência sempre suscitou o meu interesse acadêmico desde o curso de graduação. Desta forma, trabalhei no Serviço de Psicologia Aplicada da PUC/RIO e no Juizado de Menores. Ao ingressar na Unidade Clínica de Adolescentes do Hospital Universitário Pedro Ernesto, tive a oportunidade de trabalhar no Ambulatório de Gestantes, onde pude constatar o alto índice de gravidez em adolescentes pertencentes às classes populares. Esta experiência profissional resultou na elaboração de trabalhos teóricos; de um projeto de pesquisa; e de uma monografia (Dadoorian, 1990). Através deste percurso surgiu a motivação para um estudo mais sistemático e aprofundado acerca das representações sobre gravidez e projetos de maternidade nas adolescentes de classes populares.

A gravidez na adolescência é tradicionalmente vista pelos profissionais de saúde como um problema que deve ser solucionado através da diminuição da incidência de gravidez nesta população. Estes profissionais acreditam que a gravidez é indesejada por estas jovens, sendo determinada pelas mudanças sociais ocorridas na esfera da sexualidade, que acarretariam uma liberação sexual e a falta de acesso a informações quanto ao uso de contraceptivos. A fórmula utilizada para "resolver" esta questão se reduz aos programas de educação sexual. A meu ver, este enfoque apresenta lacunas na compreensão do tema sendo insuficiente para explicar a complexidade desse fenômeno.

Enquanto profissional de saúde tendo trabalhado em instituições públicas, entrei em contato com a questão da gravidez em adolescentes de classes populares. O desamparo comovente a que essas jovens se encontram muito me sensibilizou, uma vez que a maioria das adolescentes grávidas pertencem a esta camada da população brasileira. Tal questão é muito mais dramática para estas adolescentes em função da baixa renda da sua família, a qual não possui os meios econômicos adequados para cuidar de mais uma criança. A isso junta-se a falta de orientação e de diálogo, tanto por parte da sua família, como por parte da sua escola, do seu trabalho e dos próprios profissionais de saúde. Fica visível também os desdobramentos e a repercussão política e social desta questão, que provoca uma série de situações trágicas, como é o caso dos menores abandonados e infratores, filhos dessas jovens mães.

Diferentemente dessa população, as adolescentes pertencentes a famílias com uma condição econômica boa e de classe média, recebem maior apoio dos seus pais, seja para sustentar economicamente e emocionalmente o seu filho, ou até mesmo, para pagar as despesas de um aborto numa clínica clandestina de alto custo para evitar maiores riscos para a sua saúde.

Assim sendo, o fato que me despertou a atenção é o de que, mesmo com todas essas situações dramáticas, as adolescentes de classes populares engravidam cada vez em maior proporção. Essas jovens relatam que a gravidez é desejada e demonstram interesse em ter o filho. A minha escuta esteve

direcionada para a fala das adolescentes e me fez perceber que a gravidez desempenha um papel significativo na vida psíquica e social dessas jovens. Portanto, investigar o significado da gravidez em adolescentes de classes populares marca a particularidade do meu olhar sobre este tema que difere da visão médica tradicional.

O objetivo desta dissertação é o de fornecer outros referenciais de análise acerca da gravidez em adolescentes de classes populares, visando auxiliar os profissionais, tanto de saúde como de áreas afins, que trabalham com essa população.

A partir da análise da situação atual da gravidez na adolescência quanto à sua incidência, através de levantamentos internacionais e nacionais, foram apresentados os enfoques teóricos interpretativos existentes sobre este tema. A seguir, foram considerados os diversos modelos de família e da influência das classes sociais na construção da feminilidade. No terceiro capítulo privilegiou-se a concepção psicanalítica da sexualidade e da maternidade na adolescência, visando aprofundar tal questão. A investigação de campo foi realizada com 20 jovens de 14-17 anos, de classes populares que foram entrevistadas, tendo sido os seus depoimentos devidamente analisados.

Ao final da dissertação, foram tecidas conclusões no sentido de viabilizar uma prática clínica mais efetiva com estas jovens.

I. A SITUAÇÃO ATUAL DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E SEUS ENFOQUES INTERPRETATIVOS

A incidência crescente de gravidez em adolescentes tem sido objeto de grande interesse nos últimos anos no mundo, pois constata-se nas últimas décadas um aumento considerável do número de mães adolescentes, questão esta apresentada como problema de saúde pública, além de social, tanto no Brasil como nos EUA.

A importância desta problemática na atualidade foi apontada por Frias e Mendes (1990) e por Drummond (1991), cabendo ressaltar a repercussão da conferência sobre Fecundidade em Adolescentes na América Latina e no Caribe, realizada no México em 1983, que reflete uma realidade social próxima com a brasileira.

Considerações relatadas nesta conferência revelaram o incremento da população de adolescentes entre 10 e 24 anos de idade para o fim deste século, a qual deverá ultrapassar o número de 150 milhões de pessoas nesta região. Neste cenário, a sexualidade e a maternidade precoce assumem importância pois calcula-se que a cifra de mulheres adolescentes da região que haviam tido pelo menos um filho antes de chegar aos 20 anos alcança de 22 a 25 milhões; além do que, grande parte destes países não apresenta programas adequados de atenção a sexualidade dos adolescentes. Assim, apontam a urgente necessidade de programas de educação sexual amplos, com a

sensibilização dos governos dos diversos países para a realização de um trabalho interdisciplinar nesta área.

No Brasil, constata-se igualmente o crescente número de gestações em adolescentes; fato esse amplamente discutido pela mídia, através de reportagens em vários jornais e revistas do País, assim como por vários profissionais de saúde através de artigos, como será mostrado a seguir.

Segundo dados estatísticos do IBGE os adolescentes representam 10,3% da população brasileira. É uma parcela significativa da população que não recebe uma atenção especializada no que tange a problemática da saúde, considerando-se ainda que a maior parte destes adolescentes pertence a famílias com baixa condição econômica, onde esta falta de orientação se faz sentir mais fortemente.

É relevante observarmos que apesar do declínio das taxas de fecundidade no Brasil desde o início dos anos 70 é cada vez maior a proporção de partos entre as adolescentes em comparação com o total de partos realizados no País. De acordo com o censo do IBGE de 1980, quase 700 mil mulheres na faixa etária de 15 à 19 anos, já haviam tido pelo menos um filho, representando um aumento de 63% em relação à 1970. Este fenômeno é observado em todas as regiões do país e concentra-se principalmente nas áreas urbanas, onde o número de mães adolescentes mais que triplicou na década 70. (BEMFAM, 1986). Os dados do IBGE entre 1981 e 1990 constataam que o total de filhos de mães adolescentes quase dobrou de 4.500 para 8.300.

A Fundação Pathfinder realizou uma ampla pesquisa de 1987-1989 sobre a saúde reprodutiva do jovem brasileiro em

Salvador, pelo Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público - ISP da Universidade Federal da Bahia; na cidade de São Paulo, pelo Centro Materno Infantil - Planejamento Familiar e no Rio de Janeiro, Curitiba e Recife, pela BEMFAM. Este trabalho foi realizado com 9066 jovens de ambos os sexos entre 15 e 24 anos de idade.

Com relação ao nível sócio-econômico, a maior parte desta população pertence às classes populares, sendo que um significativo percentual de jovens apresenta educação secundária incompleta. A pesquisa mostrou que a prática de relações sexuais pré-maritais intensificou-se sendo mais freqüente nos homens do que entre mulheres. Entretanto, o início da vida sexual ativa não indica intensidade da prática sexual entre jovens. Apesar das mulheres se preocuparem mais do que os homens com a anticoncepção, o início da vida sexual ativa não é acompanhado de cuidados com a contracepção. (Pathfinder, 1990).

Quanto a educação sexual, observou-se que os jovens recebem informações de má qualidade seja através de cursos, encontros ou aulas que freqüentam. A proporção entre os jovens que receberam informações e os que são desprovidos de informações é diminuta. A gravidez indesejada ocorre para quase todos os adolescentes, contudo, ela não é apontada como problema para expressiva parcela dos jovens entrevistados. Drogas e dificuldades de relacionamento com os pais encabeçam a lista dos problemas enumerados (Pathfinder, 1990).

Conclue a investigação destacando a urgência de um trabalho integrado com pais, educadores e toda a sociedade em

implementação de programas mais amplos de educação sexual. (Pathfinder, 1990).

Ferreira, C. em recente reportagem ao Jornal do Brasil, em 19 de junho de 1991, relatou os resultados de uma pesquisa financiada pela UNICEF em 1990 no estado de Alagoas, na qual 28% das adolescentes alagoanas de 11 a 18 anos já são mães e 35% das crianças nasceram prematuramente. O estado de Alagoas aparece com o maior índice de gravidez na adolescência à nível regional e, possivelmente nacional, sendo que em 90% dos casos a origem social das adolescentes pesquisadas é de baixíssima renda. Este levantamento envolveu 236 meninas em Maceió e 364 no interior do estado. Das adolescentes que engravidaram, 62,12% não recebiam orientação sexual e 84,68% delas não fizeram uso de anticoncepcionais. Da mesma forma, 76,59% engravidaram na primeira relação sexual. Depois de darem à luz, 55,74% das adolescentes continuaram sem usar anticonceptivos.

A reportagem da revista Nova Escola de outubro de 1991 sobre a gravidez na adolescência no Brasil, mostra que grande número de adolescentes em todo o Brasil estão engravidando. As causas apontadas são várias: - ausência dos pais; - carência de afeto;- falta de informações; - incapacidade da menina de assimilar as informações dadas na aula de Biologia; - fantasias juvenis de engravidar para prender o rapaz; - vida vazia;- fragilidade física e emocional da adolescência. À isso soma-se o nível de relacionamento com os pais e a classe social da adolescente. Essa situação apresenta várias consequências negativas para a jovem como,

por exemplo: - abandono da escola e do trabalho; - alto índice de mortalidade infantil; - repetição de gestações seguidas. Estas consequências geram a reprodução da pobreza e problemas familiares.

Mostra que em Belém do Pará vem crescendo a presença de adolescentes nos postos de atendimento do INAMPS, incluindo casos de tentativas de suicídio de meninas grávidas abandonadas pelos pais. Embora sem dados oficiais, estima-se em 5% a 6% o percentual de grávidas entre as mulheres de 15 a 19 anos. Em Belém, 32% das adolescentes grávidas tem entre 16 e 17 anos e 28% entre 12 e 15 anos. No Distrito Federal, a Divisão de Saúde Pública fez um levantamento oficial e verificou que nos locais mais carentes as gestações precoces aumentam sensivelmente. Enquanto nos locais centrais de Brasília (Asa Sul e Asa Norte) a taxa de natalidade de mães com menos de 20 anos gira em torno de 10%, na Vila Paranoá e no Gama sobe para 17%, e na Brazlândia para 20%. Em Porto Alegre, no Hospital São Lucas da PUC-RS, de cada 100 parturientes, 5 eram adolescentes entre 13 e 19 anos. No Hospital das Clínicas de Porto Alegre, esta taxa aumenta para 15%.

Vários profissionais da saúde dão o seu relato sobre esta questão, havendo um consenso de que falta às adolescentes orientação sexual sobre métodos contraceptivos e a necessidade de se discutir com as jovens as dúvidas relativas ao sexo. A ausência de diálogo com os pais, principalmente com relação a sexualidade, também influi neste quadro da gravidez. Observou-se, entretanto, que a reação dos pais à gravidez da filha

varia em função da classe social. Na classe A essa questão é resolvida entre mãe e filha através do aborto; já nas classes B e C, a gravidez interfere no equilíbrio familiar, onde a família adota dois rumos: ou a expulsão da filha de casa, que passa a morar com parentes ou em instituições; ou a aceitação da fatalidade e da "vontade de Deus". O relato conclui pela importância da orientação sexual no colégio, onde o professor pode trabalhar essas questões na sala de aula, independente de ser uma aula específica sobre este tema. (Nova Escola, 1991).

Taquette (1991) investigou a questão do sexo e da gravidez em adolescentes na cidade de Franca em São Paulo. Foram estudadas 100 adolescentes grávidas entre 13 e 19 anos, sendo que a maioria dessas jovens pertencia às classes populares (71%). A autora aponta os fatores individuais, psicológicos, familiares e sociais como os determinantes de uma atividade sexual precoce e a gravidez indesejada na adolescência. Ela enfatiza, porém, a relação doméstica familiar e a ausência emocional do pai, decorrente de vários motivos, como exercendo um papel importante nesta questão. Taquette (1991) conclui sugerindo a implementação de programas de educação sexual e de planejamento familiar para diminuir a incidência de gravidez na adolescência.

A maioria dos artigos referentes a gravidez na adolescência no Brasil provém da área médica. Esse enfoque relata que os movimentos de contestação ocorridos na década de 60 transformaram a estrutura moral e o comportamento em vigor na época, estabelecendo-se novos hábitos. Dentro dessas mudanças comportamentais, uma das que maiores repercussões

causou foi, sem dúvida, aquela que envolveu os padrões da atividade sexual.

Substituiu-se o "tabu da virgindade" pelo "tabu da não-virgindade". As adolescentes foram estimuladas a ter vida sexual ativa mais precocemente, sem que, paralelamente, ocorresse a transmissão de informações sobre métodos contraceptivos. (Vitiello, 1984).

A gravidez na adolescência estaria determinada por dois fatores interligados: a nova moral sexual e a desinformação sexual dos jovens. A gravidez é, então, indesejada, sendo enfocada como um problema a ser solucionado através da implementação de programas de educação sexual, os quais diminuiriam essas estatísticas. (Darzé, 1985; Chalar Silva, 1993; Canella, 1984; Salles, 1986; Lopes e Melo, 1985).

A ênfase em políticas preventivas calcadas em cursos de orientação sexual atuam como técnicas normalizadoras e adaptativas do desejo sexual das jovens, ditando as regras do que seria o comportamento sexual adequado na adolescência. (Arney e Bergen, 1984; Ribeiro da Silva, 1976).

No entanto, o que se observa é que, não só o número de gravidez na adolescência continua crescendo, como as jovens primíparas que foram atendidas retornam a instituição com uma segunda gravidez. Estes fatos apontam a forma ineficaz com que esta situação está sendo percebida e enfocada pelos profissionais de saúde.

Surge a necessidade de um outro olhar que focalize a fala das adolescentes sobre a sua gravidez e não a instituição

médica. Para as adolescentes a gravidez é desejada e elas querem ter o filho apesar de todas as consequências trágicas decorrentes da inserção da gestação nas classes populares da nossa sociedade. A complexidade da problemática exige um estudo dos aspectos psicológicos e inconscientes sempre presentes, atentando igualmente para as mudanças sociais na vida sexual.

Atualmente, não se pode deixar de considerar as inovações científicas que possibilitaram um avanço significativo nos métodos contraceptivos e a sua conseqüente interligação com o movimento de liberalização da sexualidade da mulher. Entretanto, essa questão não é tão simples assim. O que se verifica é que passamos de uma época onde a moral sexual restringia o sexo como sendo um atributo do casamento (Freud, 1908), para uma outra época onde a moral sexual liberaliza a atividade sexual. Ora, tanto a proibição quanto a obrigação da liberalização falam de uma mesma situação, isto é, a repressão sexual. Desta forma, vivemos atualmente uma nova repressão sexual, expressa nesse liberalismo obrigatório do sexo. A descoberta da AIDS já está, por sua vez, alterando essa moral sexual através de um movimento de diminuição desse liberalismo sexual.

Portanto, cabe analisar criticamente a questão da desinformação sexual como determinante do alto índice de gravidez na adolescência.

Estudos realizados em países onde há um alto grau de informação sexual aos jovens, como os E.U.A. e Cuba, apontam ser a gravidez na adolescência um problema ainda relevante.

Obviamente, não se pode desconsiderar a defasagem na transmissão da informação sexual no Brasil, e muito menos, trata-se de desprezar a importância de projetos de informação e educação sexual para os jovens. O que proponho aqui é um deslocamento desta questão para outro ângulo do problema, pois, verifica-se que os jovens têm conhecimento da existência de métodos contraceptivos. Mesmo que eles não saibam como usá-los corretamente, este não é o ponto principal de discussão, já que os jovens americanos, por exemplo, tem esse conhecimento e não o utilizam da mesma forma. Angeli, H. numa reportagem ao Jornal O Estado de São Paulo, em 19 de setembro de 1993, realizou uma pesquisa entre jovens universitários com idades entre 18 e 21 anos. 62% dos universitários que mantêm vida ativa, 48% conhecem mas não utilizam métodos anticoncepcionais. Essa autora constatou que a facilidade de acesso à informação não garante ao jovem brasileiro maior proteção contra doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada.

Colocada assim a questão, pode-se dizer que a causa deste fenômeno está mais além da desinformação sexual. Porque os adolescentes não procuram orientação sobre a utilização desses métodos? Porque eles não os utilizam corretamente? A resposta à estas perguntas está relacionada com a análise dos aspectos inconscientes presentes no desenvolvimento psíquico dos adolescentes, onde a sexualidade emergente provoca ansiedade, mal-estar e conflitos.

Doering (1989) cita um estudo feito por Maier, onde este autor sugere que a informação sobre anticoncepção não é o

fator mais importante para diminuir o número de gestações em adolescentes, sendo relevante para esse autor, a ansiedade sexual, a perda da segurança e a dificuldade em aceitar responsabilidades; refere também outros fatores como rebelião contra a autoridade paterna, a procura da aventura e a pressão exercida pelo parceiro para o sexo pré - marital.

A não utilização de anticoncepcionais pelos jovens aponta, mais uma vez, para um questionamento da fala médica acerca da gravidez na adolescência como sendo indesejada. Ao se enfatizar a fala das adolescentes, pretende-se observar se a gravidez é inconscientemente desejada e qual o seu papel na vida individual e social dessas adolescentes.

II. A INFLUÊNCIA DOS MODELOS FAMILIARES E DAS CLASSES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA FEMINILIDADE

Ao investigar a questão da gravidez na adolescência é importante analisar aspectos psicossociais da família, sobretudo quando o estudo se refere a gravidez em adolescentes de classes populares. Trata-se, portanto, de analisar a articulação entre família - adolescente grávida - classe social.

O processo histórico de construção da família proposto por Ariès (1981) refere-se a uma articulação entre a história da família e a história da infância com o surgimento de um "sentimento de família" e de um "sentimento de infância".

Esse autor divide em três fases a evolução da família: a família medieval, a família do século XVII e a família moderna.

A família medieval se caracteriza pela desvalorização da infância. As crianças, geralmente, eram afastadas dos seus lares e havia um alto índice de mortalidade infantil. Este quadro se altera no fim da Idade Média com o retorno das crianças ao lar e com a preocupação dos pais com o seu bem-estar físico e moral. Esta mudança é o principal marco da família do século XVII.

A evolução dos costumes, os novos progressos da intimidade, o interesse pelas questões de higiene e de saúde refletiram na evolução do sentimento da infância e da família.

Surge a família moderna, que se caracteriza por se centralizar nos pais e filhos, em oposição ao mundo externo. A escola vai exercer um papel importante nessa evolução do sentimento da infância. Todas essas mudanças sociais provocaram o surgimento da idéia de adolescência, idade privilegiada do século XX, que se insere entre a infância e a vida adulta. (Ariès, 1981).

Ariès (1981) mostra, entretanto, que essa evolução da família moderna iniciou-se na burguesia. A maior parte da população e a mais pobre, já no início do século XIX vivia segundo o modelo das famílias medievais, com as crianças afastadas da casa dos pais. Não existia para elas o sentimento de casa e de família. Ainda se fazia presente nestas classes o gosto pela multidão. Somente mais tarde, com a evolução dos costumes o modelo de vida familiar da burguesia se estendeu à toda a sociedade.

Constata-se, segundo esse autor, uma relação entre o sentimento de família e o sentimento de classe. Com a modernidade ocorreu uma mudança nessa separação baseada na condição econômica, o que pode ser observado, por exemplo, nas escolas onde, a partir do século XVIII, as famílias burguesas colocavam os seus filhos nos colégios, restringindo o sistema de ensino primário popular para as crianças pobres. O corpo social único que aglutinava várias idades e diversas condições sociais, dá lugar a pequenas sociedades, as famílias, que se reúnem em função da sua semelhança moral e econômica. A sociedade se organiza, então, em sistemas de classes (Ariès, 1981).

Através das entrevistas realizadas com as

adolescentes grávidas de classes populares, pode-se traçar um perfil das famílias dessas adolescentes. A maior parte dessas famílias tem uma estrutura e uma dinâmica próprias : os pais são geralmente separados ; e residem na mesma casa, a mãe, os filhos, os netos (filhos das adolescentes grávidas), avós, havendo também a presença constante de vizinhos e colegas.

No que se refere à educação, todas as adolescentes grávidas entrevistadas estudavam em colégios públicos. O ensino público no Brasil está mais afeto aos jovens provenientes de famílias que não podem arcar com os altos custos do ensino privado, situação esta que está se alterando hoje em dia. A deficiência do ensino público aliado ao baixo nível econômico dessas famílias provoca a interrupção dos estudos destas jovens, as quais tendem a ingressar mais precocemente no mercado de trabalho, embora não tenham muitas vezes as condições de adquirir um emprego qualificado.

A análise histórica das diferenças sociais realizada por Ariès pode ser complementada por um enfoque sociológico apresentado por Boltanski (1977). Esse autor afirma que os conhecimentos dos membros de qualquer classe social estão em constante mudança. Entretanto, as classes dominantes possuem o monopólio dessas mudanças sociais. As transformações que ocorrem no interior das outras classes sociais são o resultado das mudanças ocorridas no topo da hierarquia social. O ritmo dessas transformações varia em função da distância social que as separa da classe dominante. Desta forma, a integração dessas inovações ao sistema de valores de cada classe exige dos sujeitos sociais um trabalho de reinterpretação muito mais

longo e dispendioso à medida em que eles se localizam na base da escala social. Pode-se dizer que esse autor exprime a existência de um saber próprio a cada classe, constituído a partir dessas reinvenções.

Lo Bianco (1986) aborda a concepção de família em dois grupos sociais da cidade do Rio de Janeiro, constatando diferenças na concepção de família entre as mulheres das classes baixas e as das classes médias . A autora observou a existência de um modelo de arranjo familiar único para ambas as classes, o modelo da família patriarcal, o qual determina as relações de poder na sociedade brasileira. Ele é formado por um núcleo central que abrange o casal e seus filhos, e por uma periferia composta por agregados e empregados .Esse modelo, no entanto, se constitui como um "ideal" para as famílias de classes baixas, só sendo possível de se realizar nas famílias de classe média . Os arranjos familiares são, assim, constituídos em função de circunstâncias econômicas, sociais e históricas, segundo as diferentes classes sociais.

Este fato pode ser verificado nos projetos de vida das adolescentes grávidas entrevistadas , visto que todas as jovens relataram a vontade de ter a sua casa e de residir com o seu marido e o seu filho , o que geralmente não ocorria em função da sua situação econômica.

Lo Bianco (1986) enfatiza a complexidade cultural da sociedade brasileira, a qual estabelece formas distintas de organização familiar. Entretanto, a contextualização não exclui a relevância do aporte psicanalítico às questões sociais.

A situação da família moderna na nossa sociedade contemporânea, segundo Ariès (1981), se faz acompanhar de uma mudança à nível das relações sociais. O grande crescimento das cidades, o surgimento da televisão e do carro, destroem os espaços coletivos de sociabilidade, os quais se tornam mero local de deslocamento entre a casa, o trabalho e a loja. Todas essas mudanças propiciaram um isolamento das pessoas nos seus lares e nas suas famílias. (Ariès, 1981).

Dentro deste quadro, a família vai ser a depositária de uma necessidade de sociabilidade que foi destruída. Essa hipertrofia de funções vai provocar um desequilíbrio na sua estrutura. Contudo, segundo Ariès, não se trata de uma crise da família mas sim de uma impossibilidade dela desempenhar todos os papéis que lhe foram imputados durante este último meio século. A causa profunda dessa crise não está na família mas na cidade (Ariès, 1981).

A partir da constatação da desestruturação da família brasileira na sociedade contemporânea, Costa (1989) vai realizar uma análise histórico-sociológica sobre a relação entre a evolução da família brasileira e as técnicas higienistas.

A política higienista, segundo esse autor, vai reduzir a família a um estado de dependência, inserindo-se na sua intimidade. É desta forma que a higiene vai impor à família um modelo de educação física, moral, intelectual e sexual, a partir dos preceitos sanitários da época. Surge, então, uma nova "norma familiar" a qual delega à burguesia o exemplo de família a ser seguido por toda a sociedade.

Ao criticar os profissionais que auxiliam as famílias atualmente, esse autor destaca o caráter normativo e uniformizante destas técnicas, as quais mascaram as desigualdades sociais, reproduzindo o modo de ser e de viver da família burguesa. (Costa, 1989).

A psicanálise também traz contribuições relevantes acerca da família. A investigação psicanalítica sobre a família se traduz na construção do conceito de Complexo de Édipo proposto por Freud no início do século XX, a partir do mito "Édipo Rei" de Sófocles. O Édipo se refere a existência de um complexo universal o qual todos nós estamos psiquicamente envolvidos, e que possibilita a formação do sujeito enquanto um ser social e um ser desejante, marcando a nossa entrada na cultura e separando-nos da nossa raiz animal.

Visando demonstrar o caráter universal dos conceitos psicanalíticos, Freud realizou estudos antropológicos onde ele investigou culturas primitivas mostrando a organização dessas sociedades à partir do Édipo. Esses estudos suscitaram uma grande repercussão na área científica ao tentar relacionar a psicanálise com as ciências sociais e mostrar a relevância e a abrangência do campo psicanalítico.

A primeira tentativa de Freud de aplicar a teoria psicanalítica aos fatos da vida social se deu no texto Totem e Tabu publicado em 1913. Neste texto, o autor articula os conhecimentos da antropologia social com os da psicanálise, formulando uma hipótese sobre a origem da família humana. Não irei me deter no presente trabalho, na análise desta cena mítica, reportando somente as suas conclusões.

O surgimento da humanidade, segundo Freud (1913), se deu com a interdição do parricídio e do incesto, ou seja, através da repressão dos dois desejos do complexo de Édipo: matar o pai e casar com a mãe. A organização social vai se efetivar a partir da relação do homem com o pai, caracterizando a sociedade humana como sendo determinada por uma estrutura patriarcal.

Malinowski (1958) concentra o seu interesse na relação da psicanálise com as ciências sociais, no que concerne ao postulado do complexo de Édipo enquanto uma estrutura universal, presente em todas as famílias humanas. A hipótese levantada por este autor se baseia na investigação do Édipo à luz dos estudos sobre a vida sexual de selvagens cuja organização familiar era matriarcal.

O aspecto central para entender a família e a sexualidade desta sociedade, é a crença na ausência de qualquer papel ou função do pai no processo biológico da reprodução. A mulher é, então, vista como a única autora do seu filho. A paternidade desconhecida do ponto de vista biológico apresenta, entretanto, um papel de cunho sociológico, visto que o dogma social dessa sociedade preconiza a importância do pai para a constituição da família. Os filhos legítimos são aqueles que nascem de uma mulher casada. Contudo, os filhos ilegítimos são, na sua maioria, incorporados pela família da jovem mãe, mais especificamente pelo seu irmão. (Malinowski, 1958).

A partir deste estudo, Malinowski (1958) afirma que a generalização efetuada por Freud a respeito da

universalização do complexo de Édipo não é pertinente, visto que o Édipo depende do tipo de organização da família, só sendo possível numa família patriarcal.

Lacan (1987) retomando o texto freudiano prossegue na investigação acerca da família humana. Ao analisar a literatura antropológica e etnológica sobre família, e a partir dos conhecimentos da sua época, ele critica a hipótese apresentada por Malinowski sobre a teoria freudiana do Édipo.

Desta forma, baseado na antropologia estrutural de Levi-Strauss e no estruturalismo, Lacan vai reafirmar o postulado freudiano acerca da universalidade do Édipo. Segundo ele, quando Freud fala em "pai", ele está se referindo a uma função e não ao pai biológico. Logo, nessas sociedades matriarcais, apesar do pai aparecer desincumbido de toda função repressiva, a autoridade familiar vai ser exercida pelo tio materno, o qual é guardião dos tabus familiares e de iniciador dos ritos tribais. O complexo de Édipo aparece como sendo relativo a uma estrutura social. O Édipo se reinscreve como o complexo nuclear de toda organização familiar humana, e a psicanálise, mais uma vez, reafirma a importância da interligação do seu corpo teórico com outros saberes científicos.

O Édipo é um complexo familiar presente em todas as famílias humanas. Além de formador da subjetividade dos sujeitos, ele possui uma função social que se traduz pela transmissão dos valores morais, éticos e sociais, tendo como eixo norteador a posição econômica e cultural de cada família na sociedade.

Em geral, uma família pertencente às classes populares brasileiras, tende a educar os seus filhos com vistas a obtenção de empregos para ajudar no orçamento familiar. O casamento é algo que pode ocorrer precocemente sendo acompanhado, muitas vezes, de vários filhos. Uma família da classe média, por sua vez, já prioriza a atividade intelectual dos seus jovens. O casamento é, geralmente, adiado para após o término dos estudos.

O trinômio família - adolescente grávida - classe social estabelece articulações que vão influenciar a função social da feminilidade.

A importância do meio social na determinação do papel feminino foi abordada por Salem (1981), que investigou as vivências e as representações sobre a família e a inserção da mulher nesse núcleo, num grupo de mulheres faveladas. Para essa autora, a internalização da ideologia patriarcal e a divisão de papéis sexuais reforçam a definição da identidade feminina através da família, ou seja, ser mulher nesta comunidade é sinônimo de ser filha, esposa ou mãe. (Salem, 1981).

Doering (1989) aponta a existência de uma diferença com relação à perspectiva do papel social desempenhado pela mulher em função do seu nível sócio-econômico. As adolescentes atendidas em clínica privada rejeitaram a gravidez afirmando que esta situação iria atrapalhar as suas perspectivas de estudo e de trabalho, visto que a maternidade não é prioridade nesta classe social. Enquanto que 58% das adolescentes atendidas em hospital público referem que desejaram a gravidez

pois "gostam de criança". A maternidade aparece como a única perspectiva de vida para estas jovens, onde o papel social mais importante por elas desempenhado é o de ser mãe. (Doering, 1989).

Silva e Pinotti (1987) destacam a reação das famílias das adolescentes frente à gravidez das suas filhas. As famílias das jovens de classes populares apresentam uma boa aceitação desta situação, especialmente a mãe e a avó, contrariamente as famílias das adolescentes de classe média, as quais não desejam a gravidez das filhas adolescentes. (Silva e Pinotti, 1987).

A relação entre maternidade e feminilidade também foi demonstrada por Magtaz et all (1990). Através de entrevistas com adolescentes grávidas de baixa renda verificaram que, tanto para essas jovens quanto para as suas famílias, a formação da identidade de mulher está relacionada a maternidade, o que explica a boa aceitação da gravidez na adolescência nessa classe social. Essas autoras modificaram a referência à essas jovens a partir dessas conclusões, chamando-as de mulheres' jovens ao invés de adolescentes. (Magtaz et all, 1990).

III. SEXUALIDADE E MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Visto sob o enfoque da teoria psicanalítica a sexualidade feminina pontua referenciais de análise importantes para a investigação da gravidez na adolescência.

Freud (1905) postula que o desenvolvimento da sexualidade humana vai se iniciar na infância através da "organização pré-genital". Este conceito foi introduzido em 1913 em nota de rodapé no texto Três Ensaios sobre a sexualidade (1905). Nesta época, esse termo se restringia à organização "sádico-anal". Foi somente em 1915, no mesmo texto citado anteriormente, que Freud ampliou essa terminologia abrangendo também a organização "oral" e, posteriormente, a "fálica" sendo que esta última só foi introduzida em 1923.

A organização pré-genital se caracteriza pelo fato de que nela as zonas genitais ainda não assumiram o seu papel predominante, fato este que ocorrerá posteriormente na puberdade, com a unificação da pulsão sexual em torno dos órgãos genitais visando a procriação da espécie. (Freud, 1905).

O reconhecimento da existência de uma vida sexual infantil anterior ao estabelecimento desse primado já havia sido reconhecido por Freud desde a carta à Fliess de 14-11-1897, onde ele fala de zonas sexuais posteriormente abandonadas, e no texto Três Ensaios sobre a sexualidade, no qual ele descreve o funcionamento originariamente anárquico das pulsões parciais não-genitais. (Laplanche e Pontalis, 1985).

Nesse trabalho, a fase fálica pela sua relação com o complexo de castração e com o complexo de Édipo, será destacada por se tratar de conceito relevante na construção da sexualidade feminina.

A fase fálica se caracteriza, segundo Freud, pela negação da diferença sexual anatômica, através da fantasia da existência de seres iguais, portadores do órgão genital masculino. A menina compara o clitóris ao pênis do menino, atribuindo à ele o mesmo valor que o menino confere ao seu órgão. O órgão genital masculino é a principal zona erógena e o mais importante objeto sexual auto-erótico na infância. Essa crença no primado do falo está presente, inclusive, nas teorias sexuais infantis, onde as crianças atribuem a todos, até mesmo às mulheres a posse de um pênis. A distinção sexual se faz, assim, entre seres com falo e seres sem falo. Esta fase é contemporânea do Édipo e será sucedida pelo período de latência. (Freud, 1908).

Laplanche e Pontalis (1985) assinalam que a noção de fase fálica implica em dois aspectos. Primeiramente, na ênfase dada à zona genital como a organizadora da libido desde a infância. E no postulado de um primado do falo, o qual já estava pré-figurado na obra de Freud a textos anteriores a 1923, através de duas teses: - a de que a libido é de "natureza masculina", tanto na mulher como no homem; - e, de que a zona erógena diretriz na menina se localiza no clitóris, que é o equivalente a zona genital masculina. A isso se acresce o interesse singular da menina pelo pênis, a sua inveja e a sua sensação de ser lesada em relação ao menino.

(Laplanche e Pontalis, 1985).

Faz-se necessário estabelecer a distinção entre os termos pênis e falo, conceitos fundamentais para a compreensão da teoria freudiana sobre a feminilidade.

Freud apesar de ter esboçado a diferença entre o termo pênis e o termo falo, raramente empregava este segundo conceito. O termo pênis era por ele utilizado quando falava da parte ameaçada do corpo do menino e ausente na menina. Enquanto que o conceito de falo era empregado para designar o "estágio fálico" que representa uma das fases do desenvolvimento sexual infantil onde o complexo de castração se estabelece. (Nasio, 1989).

Posteriormente, Lacan (1978) delimitou melhor esta diferença conceitual, explicitando que o termo pênis se refere ao órgão anatômico masculino e o termo falo foi elevado à categoria de um conceito psicanalítico.

Dor (1991) a partir das idéias apresentadas por Lacan, demonstra que a argumentação freudiana estabelece a diferença dos sexos a partir da noção de "falta", colocando o objeto fálico para além da realidade anatômica. A "concepção" da falta do pênis é elaborada psiquicamente pela criança e resulta numa construção imaginária que aponta a existência de um objeto imaginário, isto é, o falo. (Dor, 1991).

Nasio (1989) afirma que a primazia do falo não equivale a primazia do pênis, pois o elemento organizador da sexualidade humana não é o pênis, mas a "representação psíquica" construída com base nessa parte anatômica do corpo do homem. A primazia do falo se remete à evolução da vida

sexual infantil e adulta conforme o falo (pênis imaginário) esteja presente ou ausente no mundo dos indivíduos. A teoria lacaniana vai sistematizar essa dialética da presença e da ausência do falo através dos conceitos de falta e de significante. O falo é, assim, o significante do desejo. (Nasio, 1989)

Dor (1991) amplia essa questão referindo-se ao falo como o significante primordial do desejo na triangulação edipiana, onde o falo desempenha um lugar no desejo da mãe, da criança e do pai, através de uma dialética que se estabelece sob a forma do "ser" e do "ter". (Dor, 1991).

Cabas (1988) reafirma o postulado de que na problemática infantil o que está em jogo no que se refere ao falo é o significado da presença e da ausência do pênis para o indivíduo, visto que será deste feixe de relações que o sujeito psíquico vai estruturar a sua sexualidade. Em suma, o falo concerne à uma organização inconsciente que assinala a existência de uma estrutura libidinal (o narcisismo) tendo como "pivô", como ponto de apoio, o pênis. (Cabas, 1988).

Essa discussão conceitual acerca do falo remete a sua função enquanto objeto permutável, demonstrada por Freud no texto As transformações do Instinto Exemplificadas no Erotismo Anal (1917). Ao analisar a organização pré-genital da libido ele verificou que os componentes anal-eróticos presentes nesta fase exercem um importante papel na constituição sexual adulta. Surge, assim, o interesse no estudo da transformação das pulsões anal-eróticas em função da evolução da organização sexual. (Freud, 1917).

Freud (1917) partindo da análise dos produtos do inconsciente (fantasias e sintomas) observa que os conceitos de fezes, falo e bebê são intercambiáveis, são equivalentes, isto é, podem ser perfeitamente substituídos entre si à nível inconsciente. Desta análise surge a formulação da equação simbólica fezes - falo - bebê, a qual desempenha um papel primordial no desenvolvimento da sexualidade feminina. (Freud, 1917).

Esse autor demonstra que através do deslizamento nesta equação, o bebê poderá ser o equivalente do falo. O desejo do falo é simbolicamente substituído na mulher pelo desejo de ter um filho.

Outras relações podem ser estabelecidas, segundo Freud (1917), onde o falo aparece associado às fezes, sendo considerado como *Lumft* (ref. análise do pequeno Hans), ou seja, como algo que se separa do corpo passando através dos intestinos. Deste fato decorre a expressão linguística "dar um bebê a alguém", pois as fezes são a primeira dádiva de uma criança, uma parte do seu corpo que ela dá a quem ele ama. Em outro texto de 1918, Freud acrescenta o fato da utilização coloquial na linguagem da expressão de que a mulher "deu" ao homem um bebê. Porém, no uso do inconsciente a atenção recai sobre outro aspecto da relação, qual seja, ao fato de a mulher ter "recebido" o bebê como dádiva do homem; o vocábulo alemão *Empfangen* significa tanto "recebido" como "concebido". (Freud, 1917).

Segundo Laplanche (1988) a teoria freudiana acerca da sexualidade feminina apresenta a importância da

investigação do período pré-edipiano na menina, onde a mãe é o seu primeiro objeto de amor, por ser aquela que lhe nutre e lhe dá atenção. Assim, para que a menina entre no complexo de Édipo ela deverá mudar de objeto amoroso. Vários motivos se combinam para este fim.

Inicialmente, Freud (1931) aponta que o clitóris vai exercer para a menina a mesma função que o falo para o menino. Entretanto, quando ela compara o seu órgão com o do menino percebe a diferença. A falta do falo não vai ser compreendida pela constatação da existência de dois sexos distintos, mas antes, a menina vai acreditar que numa época anterior possuía esse órgão e que o perdeu por castração. A partir da constatação da castração ela vai viver a inveja de possuir aquilo que viu e do qual foi castrada. (Freud, 1931).

Para Freud (1931), a menina não estende a castração às mulheres adultas, mas, seguindo a linha teórica da fase fálica, ela acredita que estas mulheres tem órgãos genitais masculinos. Somente mais tarde é que esse fato se estende a todas as mulheres, inclusive à sua mãe. A menina irá, então, culpar a sua mãe por esta não ter lhe dado um pênis, separando-se dela. Esse afastamento da mãe é algo que ocorre de forma hostil terminando em ódio, pois a relação mãe e filha era a primeira e a mais intensa união. (Freud, 1931).

A descoberta da castração da mãe, a aceitação da sua própria castração e a inveja do pênis, vão provocar o abandono da relação afetiva com a mãe, havendo um deslocamento dessa afetividade para o pai. (Freud, 1931).

Freud (1931) afirma que a menina, percorrendo a

trilha que leva à feminilidade, após ter mudado o seu objeto amoroso da mãe para o pai, terá que mudar também de zona erógena. O clitóris que anteriormente era o órgão que proporcionava prazer será substituído pela vagina. A procura do pai vai ser expressa no desejo de ter um filho do pai, onde o filho seria o representante simbólico do falo desejado. (Freud, 1931).

Neste momento, se processa o período de latência, onde ocorre o recalçamento desses desejos incestuosos. O término deste período coincide com o início da puberdade, a qual se caracteriza por um novo afluxo de catexias libidinais e o desejo inconsciente de ter um filho reaparece. Porém, agora a adolescente irá deslocar o seu interesse incestuoso para um terceiro objeto, visando a realização desse desejo de ter um filho. (Freud, 1933).

Portanto, esse autor mostra que a busca da completude narcísica expressa no desejo de ter o falo, fará com que se processe um deslizamento na equação simbólica falo - falo - bebê, onde o filho é o representante inconsciente do falo. A maternidade aparece como saída ao complexo de castração, e se coloca como o caminho que leva à feminilidade. Esta é a forma feminina do complexo de Édipo. (Freud, 1933).

Cabas (188) complementa esta questão dizendo que a equação criança-falo remete à constituição de uma célula narcísica mãe-filho, que é a fórmula que rege o acesso da mulher ao sexo e ao filho, sendo a saída encontrada frente a castração. A maternidade realiza na mulher o ansiado desejo de ter o falo, onde o filho aparece como suporte desse desejo

materno. A castração, porém, não se situa no genital mas na falta primordial, na carência originária, onde o filho representa a "sutura narcísica". (Cabas, 1988).

Freud (1914) aponta nitidamente que o desejo do falo expressa uma reparação narcísica, onde os pais, através do filho, revivem o seu narcisismo infantil abandonado. Assim, antes do indivíduo se amar ele é amado. Isto pode ser constatado através do desejo dos pais de que o seu filho realize tudo aquilo que eles, pais, não conseguiram, isto é, todos os seus ideais e aspirações mais profundas. Na criança é depositado um grande investimento narcísico, observado na expressão freudiana "sua majestade o bebê". O filho terá, então, mais divertimento e mais estudo do que os seus pais; ele não sofrerá restrições de qualquer ordem, como os seus pais experimentaram; enfim, ele será mais uma vez o centro do mundo. (Freud, 1914).

A análise acerca do desenvolvimento da sexualidade feminina segundo a teoria psicanalítica propicia articulações relevantes com a questão da gravidez na adolescência.

Pode-se destacar dois fatores principais como os determinantes de gravidez em adolescentes: os fatores biológicos; e os fatores não-biológicos, nos quais se inserem os fatores culturais e os psicológicos.

Freud (1905) mostra que na puberdade operam-se mudanças visando a maturidade sexual. A pulsão sexual se unifica em torno de um único objetivo que é a função reprodutora. O corpo da adolescente sofre, assim, transformações e mudanças orgânicas visando a reprodução da

espécie humana. Esse processo orgânico se expressa através de uma grande pressão hormonal que impulsiona a adolescente a testar esse aparelho. Dentro desse quadro surge o interesse pelo sexo, e deste ato decorre, freqüentemente, a gravidez.

Esta gravidez fruto da estreita relação entre o corpo e a pulsão sexual denominarei de somadesejo ou gravidez hormonal. A partir daí, dois desfechos se colocam para a adolescente: o desejo negativo de ter o filho, expresso pelo aborto; e o desejo positivo de ter o filho, situado na maternidade. Assim sendo, esse desejo positivo e negativo de ter um filho na adolescência é um fenômeno universal, visto que ele pode ocorrer com todas as adolescentes, indistintamente.

Os fatores não-biológicos, ou seja, os aspectos culturais e psicológicos, é que vão determinar o destino dessa gravidez hormonal.

Nas classes populares, esse somadesejo se traduz, freqüentemente, no desejo positivo da adolescente de ter o filho. A gravidez hormonal se transformará numa gravidez "simbólica", isto é, numa maternidade precária. Apesar das circunstâncias econômicas e sociais desfavoráveis, conforme a hipótese levantada na pesquisa realizada, o desejo de ter o filho era predominante entre essas jovens, sendo necessário localizar a origem desse desejo.

O intercurso da gravidez na adolescência é um fato rotineiro e comum nesta classe social. As colegas destas jovens, as suas irmãs e a sua própria mãe, são ou foram mães adolescentes. Constata-se uma valorização da maternidade, onde

ser mãe equivale a assumir um novo status social, o de ser mulher.

Surge, assim, um trinômio: adolescente - mãe - mulher, onde a gravidez é a via de acesso à feminilidade. A afirmação social nesse meio se expressa na maternidade o que possibilita dizer que se trata, também neste caso, de uma gravidez social, isto é, maternidade social.

Juntamente com os fatores culturais, os fatores psicológicos também são determinantes nessa questão. Freud (1914) nos mostra que o tipo de escolha amorosa feminina que leva ao amor objetal completo se expressa através da maternidade, onde a mulher transfere para a criança (objeto estranho e que é ao mesmo tempo extensão do seu corpo) o seu próprio narcisismo. O desejo de ter um filho, isto é, o desejo universal do falo, representa a possibilidade de restauração do seu próprio narcisismo infantil abandonado.

Por outro lado, pressupõe-se na pesquisa que essas jovens, por terem uma precária situação econômica que lhes dificulta o acesso a bens e a serviços, o falo aparece como o objeto privilegiado capaz de possibilitar essa reparação narcísica. As jovens mães entrevistadas durante a investigação relataram que o filho representa "tudo" para elas e que elas desejam o melhor para eles, que eles estudem, trabalhem e que não lhes falte nada.

Já no que concerne à adolescente de classe média, verifica-se igualmente a confluência dos fatores culturais e psicológicos na determinação do destino da gravidez hormonal.

Neste meio cultural a maternidade é indesejada na

adolescência. Conforme foi demonstrado por Ariès (1981), a adolescência é um conceito, fruto do sentimento da infância, que adiou o ingresso dos sujeitos na vida adulta. A pressão social da classe média se expressa mais através do incentivo ao estudo e ao trabalho, possibilitando, que essas jovens vivam de modo mais prolongado sua adolescência, contrariamente as adolescentes de classes populares, onde a maternidade interfere nesse ciclo.

Freud (1914) aponta que o filho não é o único objeto capaz de possibilitar o acesso da mulher ao amor objetal completo, pois existem mulheres que retêm um ideal masculino até a maturidade feminina. Esse traço se expressa no grande interesse ao trabalho intelectual e profissional demonstrado por essas mulheres.

O desejo negativo de ter um filho expresso, geralmente, nas adolescentes de classe média, reflete essa exacerbação da atitude masculina na mulher, visto que frente ao filho interpõem-se outros objetos, como a faculdade e o trabalho. O maior investimento narcísico das suas famílias soma-se à esse aspecto, e os pais estimulam as adolescentes a estudar, a fazer cursos, a viajarem. Logo, esses objetos atuam como reparadores narcísicos, ou seja, eles assumem o valor de falo, e o desejo de ter um filho pode, assim, ser adiado para a vida adulta.

Com relação ao interesse da mãe da adolescente pelo seu neto, é um fato bastante observado que se expressa na fala das avós, dizendo que a filha é muito nova e que não sabe cuidar da criança. A maioria das adolescentes entrevistadas

nesta pesquisa relataram que iam deixar o filho com a mãe para poderem ir trabalhar ; essas situações revelam o falo (filho) como um presente da adolescente para a sua mãe. Por outro lado, através da maternidade da filha, a mãe revive, mais uma vez, o seu desejo de reparação narcísica, onde o falo representa a reparação na adolescente do narcisismo infantil da sua mãe, visto que esse desejo de completude narcísica não se esgota pois a satisfação total do desejo é inatingível.

A partir dessa análise pode-se refletir sobre a questão do uso de contraceptivos que não são utilizados adequadamente que não se refere exclusivamente à desinformação sexual, mas ao desejo universal de ter um filho na adolescência, seja para a adolescente testar a sua feminilidade através da constatação da sua capacidade procriativa, seja pelo próprio desejo de ter um filho. Esta situação está intrinsecamente relacionada com os aspectos psico-sócio-culturais de cada família, pois a gravidez na adolescência não é considerada um problema para as adolescentes de classes populares, como é para as adolescentes de classe média. Estabelece-se aqui uma crítica ao enfoque médico que analisa a gravidez em adolescentes de classes populares a partir do referencial da classe social dos médicos, a média, sem se ater às particularidades de outras classes sociais, onde a maternidade tem significados outros e específicos às suas vivências, desejos e fantasias.

IV. INVESTIGAÇÃO DE CAMPO COM ADOLESCENTES GRÁVIDAS DE CLASSES POPULARES

IV.1 - Metodologia

A presente investigação de campo baseou-se na análise do conteúdo de 20 entrevistas semi - estruturadas com adolescentes grávidas de classes populares de 14 à 17 anos de idade, realizadas no Instituto Fernandes Figueira do Rio de Janeiro.

Foram selecionados sete temas que remetem a aspectos a serem investigados para uma compreensão mais aprofundada dessa problemática. O modelo de entrevista foi elaborado a partir desses temas que se referem a: - dados pessoais; - vida familiar (estrutura e dinâmica); - vida social (escola, trabalho, lazer); - atividade sexual e episódio da gravidez; - dados de informação e educação sexual; - projetos de vida.

A análise das entrevistas baseou-se no estudo dos aspectos psicossociais já discutidos anteriormente do ponto de vista teórico, relacionados à gravidez em tal grupo de adolescentes, destacando-se o enfoque psicanalítico da questão e suas implicações na análise de suas motivações, desejos e fantasias.

IV.2 - Relato das Entrevistas

O conteúdo das entrevistas são aqui relatados no sentido de ilustrar e dar corpo às idéias e postulados até então apresentados.

Procurou-se destacar aspectos relevantes da problemática foco no sentido de esclarecer situações significativas quanto à temática central da presente dissertação.

1ª entrevista:

1) Dados Pessoais: 14 anos, solteira, mora em Laranjeiras num apartamento com a mãe adotiva e a filha dela. Tem 6 meses e meio de gravidez. Não sabe dizer a renda familiar. Recebe uma pensão do pai, que é separado da sua mãe. A sua mãe adotiva trabalha numa firma que faz pesquisas. O seu pai tem o primeiro grau completo, a sua mãe têm o primeiro grau incompleto e é balconista; a sua mãe adotiva têm o segundo grau completo.

2) Vida Familiar: - "morei com os meus pais em São Paulo até a separação deles que ocorreu quando eu tinha 12 anos. Após a separação a minha mãe veio com as 2 filhas para o Rio, depois voltou para São Paulo. Fiquei no Rio com a minha avó materna e alguns familiares; não quis voltar com a minha mãe porque não me relacionava bem com ela. O meu pai casou-se novamente e tem outro filho".

- "Atualmente, resido com uma mãe adotiva e com a filha dela que tem 39 anos. Essa mãe é uma pessoa amiga, que me dá muito apoio e força, uma mãe de verdade".

- "O meu relacionamento com a minha mãe era difícil, ela nunca me aceitou do jeito que eu era. Ela é uma pessoa nervosa e eu sou muito parecida com o meu pai. Depois que os meus pais se separaram, houve uma transferência da minha mãe para mim, como se ela achasse que eu era o meu pai, porque nós somos muito parecidos, tanto fisicamente, como no jeito de agir, e que por isso, ela tentava descontar a raiva ou um ressentimento qualquer que tinha dele em cima mim."

- "a minha mãe gostava de mim mas não demonstrava isso, ela tinha mais afeição com a minha irmã. Ela me espancava, e ficou pior depois da separação dela. Ela é desse tipo de pessoa que bate, bate, mas quer estar sempre junto, que ofende, mas quer

estar perto da pessoa. Por isso, eu não quis voltar a morar com ela".

- "não tinha diálogo entre nós; ela é fanática por igreja, e tudo tinha Deus no meio, e ela sempre estava certa."

- "a minha mãe brigou com toda a sua família, não falava com ninguém. Acho que isso ocorreu porque ela teve um desequilíbrio mental. Ela é uma pessoa revoltada e sofrida porque não esperava a separação. Ela achou que o meu pai ia continuar sendo escravo dela o resto da vida".

- "O meu pai mora em São Paulo, tenho o telefone dele e ele me telefonou uma vez e não telefonou mais. Nós temos um relacionamento bom, não discutimos, não brigamos, temos diálogo".

- "Ele ficou um tempo sem me mandar a pensão, por qualquer motivo, e depois voltou a enviar. Acho que ele estava sem dinheiro, mas não fiz pressão porque não estava precisando, e por isso não fiquei pedindo".

- "o relacionamento com a minha irmã é ótimo, a minha mãe jogava a minha irmã contra mim, mas agora que ela já é grande, nos damos bem, nos gostamos".

- "a minha mãe falava e o meu pai ficava ouvindo; ele ia trabalhar cedo, e voltava tarde, às 21:30h ; aparentemente, era uma família normal. Acho que ficou insuportável para o meu pai talvez por ter caído na rotina. Não dava mais para ele continuar do jeito que ele estava vivendo, e até eu mesma via isso. Dei força para ele se separar, e a minha mãe não aceitou isso, pois ela queria continuar sendo a rainha, a dona da cocada preta, aí passou".

- "Os meus pais primeiro foram morar juntos, a minha mãe tinha 19 anos e o meu pai 21. Quando a minha mãe engravidou eles se casaram para registrar o filho".

3) Vida Social: - Ela está estudando, cursa a 8ª série do primeiro grau ; escola pública. "Ninguém sabe ainda que estou grávida, eles suspeitam, mas me sai bem; quando recomeçar as aulas é que eles vão saber. Acho que isso não vai me dar nenhum problema, só uns colegas é que vão ficar zoando, os falsos moralistas, mas depois passa, é só uma fase, não quis contar no colégio para me preservar de fofoca".

- Ela não trabalha.

- "Não tenho amigos, sou muito fechada, tenho medo de amizades, e acho que talvez seja trauma com a minha mãe - os familiares não são amigos, que dirá os da rua. Tenho conhecidos e colegas. A única pessoa que considero amiga é a pessoa com quem estou morando: ela é tudo para mim, amiga, mãe. Não conheço os meus vizinhos".

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - Ela menstruou com 12 anos. "Nesta época eu morava com a minha mãe verdadeira. Ela não conversou comigo sobre isso, e nem falei para a minha mãe que tinha menstruado. Ela ficou desconfiada mas nunca me perguntou nada. Nunca falamos sobre sexo".

- "quando eu era muito pequena, não me lembro se foi o meu pai ou a minha mãe que me disse que se eu engravidasse eu ia ter

que assumir o filho, trabalhar para criar, que não ia ter apoio; tenho isso na cabeça. Sabia que se engravidasse ia ter que me virar sozinha, já que não tinha o apoio da mãe como filha".

- Ela começou a namorar com 13 anos; teve a sua primeira relação sexual com 13 anos. Ela continua namorando o pai do seu filho e eles tem planos de "se juntarem".

- "Depois da gravidez, não tive mais relações sexuais, não sei dizer porque. Não me sinto confortável, não gosto de ter relações sexuais grávida, apesar de já ter conversado com o médico sobre isso".

- "Iniciei a minha vida sexual aqui no Rio, e contei somente para a pessoa com quem eu moro; e ela me disse para ter cuidado, para não engravidar, e não falou nada contra, conversou comigo, perguntou se era isso mesmo que eu queria, agiu como uma mãe agiria nesse caso. Mas eu já tinha informação sexual".

- "A minha gravidez foi quase um acidente, porque eu sempre tive vontade de ter um filho já passei por quase tudo na vida e só faltava ter um filho, e queria saber como era, só faltava ser mãe. Então se engravidasse seria bom, caso não também seria bom, mas no fundo queria engravidar porque eu gosto de criança e sempre tive vontade de ser mãe".

- "Quando soube que estava grávida fiquei nervosa, contente, vermelha, amarela, branca, depois voltei ao normal; tremi, esperava mas não tinha certeza, não queria acreditar. Na hora que vi o resultado do exame fiquei nervosa mas feliz. Não me sinto sozinha pois tenho a companhia da minha mãe, mas é uma coisa boa, eu gosto de criança, e agora sei que vou ter uma companhia para sempre, se todo mundo me deixar vou ter essa pessoa que vai estar do meu lado. Uma pessoa que não vai me abandonar nunca. Não estou esperando que ninguém me abandone, todos gostam muito de mim, mas se um dia por acaso isso acontecer, sei que não vou ficar desamparada, tem uma pessoa que gosta de mim de verdade. Fiquei contente, muito contente".

- "Pensei no aborto mas lutei. Algumas pessoas queriam que eu abortasse, mas lutei até o fim. Pensei que não estava preparada para a gravidez, pois sou muito nova, tenho toda uma vida pela frente, depois que tiver o filho não vou poder ter a vida que levava antes, vou ter responsabilidade para o resto da vida. A gravidez talvez atrapalhasse o meu sonho de ser modelo fotográfico, ter uma carreira, todos diziam que eu tinha chance, fiz até um book. Mas depois resolvi que não queria mais nada disso, até porque sou contra o aborto, acho que é um crime, se eu não tenho coragem de matar uma formiga que passa no chão como vou matar um filho que está dentro de mim, que não pediu para nascer, que foi eu quem fez e se foi irresponsabilidade foi da minha parte e não da criança. Simplesmente não quis fazer e não fiz. Não acho legal".

- "Com relação a Aids, não tomei nenhuma precaução porque eu era virgem e ele tinha feito HIV há pouco tempo e ela acreditava que ele não tinha uma vida sexual de alto risco.

Usava a camisinha junto com a tabelinha para evitar a gravidez, e não sei dizer qual dos dois furou".

- Quando perguntei a idade do namorado ela disse que não queria falar sobre isso, e só disse que ele era mais velho do que ela.

- "No início ele não aceitava, queria que eu abortasse. Depois a reação foi positiva e a coisa que ele mais quer agora é esse filho. O namoro ficou normal, ele não me deixa mais sair nem fazer algumas coisas".

- "Quanto a família dele não sei dizer, pois não tenho intimidade com eles, mas acho que a reação foi positiva".

- "Gosto do meu filho mesmo sem ele estar aqui ainda, é uma pessoa que já faz parte de mim. Sou muito apegada à ele mesmo sem ele ter nascido. Espero que ele tenha boa saúde, não espero muita coisa não. Não estou fazendo planos para isso, não estou pensando nisso agora".

- "O meu filho passou a ser o sentido da minha vida. Ele passou a ser a minha vida. Vivo em função dele ele é a coisa mais importante que tenho, ele é tudo para mim. Vou dormir pensando nele, acordo pensando nele, faço tudo pensando nele".

- "Diante do filho que vem estou me sentindo mãe".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: -"Eu tive educação sexual no colégio, mas antes disso já sabia porque lia revistas, livros de ciência, então com 12 anos já sabia através dessas leituras".

- "A aula do colégio era uma chatice porque eu já sabia tudo, mas acho fundamental para quem vai iniciar uma vida sexual. É muito importante para os jovens de 13-14 anos, apesar de que os jovens do Rio geralmente nesta idade já sabem de tudo. Mas é ótimo para conscientizar as pessoas. Acho que todos os colégios deveriam dar, inclusive desde crianças, desde os 10-11 anos. Não existe a matéria de educação sexual, mas isto é ensinado em ciências".

- "Os pais e os professores é que deveriam iniciar a educação sexual. Ela deveria começar em casa, e os professores seriam para tirar as dúvidas quando os pais não soubessem explicar. O importante é a boa vontade dos pais em explicar, mesmo que não saibam, e aí no colégio ocorreria a complementação dessa educação, onde eles iriam aprender e ter conhecimento científico".

- "A jovem deve usar algum método antes de transar caso ela não queira engravidar, mas de qualquer forma deve ter cuidados".

- "Não tenho vergonha de pedir informação sexual para o médico. Procurei o pré-natal com 2 meses no Centro, mas lá o atendimento não era bom, então liguei para ligue-gestante e eles indicaram esse hospital, e eu vim para cá com 3 meses. O atendimento é ótimo, parece hospital particular. É importante o pré-natal para evitar alguma doença para a criança, ou o fator Rh".

6) Projetos de Vida: - "Pretendo dar uma família para ele,

pais avós, tios, tudo, como uma criança. Três meses antes de parir vou morar junto com o meu namorado. Quero casar, já morei junto com ele antes, mas nos separamos por que ele teve que se mudar. Mas agora estou com apartamento quase pronto para me mudar".

- "Após o nascimento do bebê planejo voltar a estudar. Vou parar de estudar 6 dias para ter o bebê e depois volto".

- "Quanto ao meu futuro, quero terminar o segundo grau, fazer curso de computação, trabalhar com computador. Talvez ser modelo se der certo, mas não vou correr atrás porque esse meio artístico é muito sujo, promiscuo e não quero deixar que esse mundo me afete, não é um mundo bonito. Não gosto das pessoas desse meio, mas se pintar faço. Tenho sonho de ser modelo, mas não faço questão de trabalhar. Por mim ficava em casa cuidando do meu filho".

2ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 16 anos, solteira, mora em Caxias, está com 5 meses de gravidez, a renda familiar é 1 salário mínimo, só a mãe trabalha e é analfabeta só sabe escrever o nome e trabalha em Furnas. Ela mora com a mãe e 3 irmãs.

2) Vida Familiar: - Relacionamento com a mãe: "é bom, mas não tem muito diálogo, a minha mãe é muito estourada, não brinca comigo, não tem muito tempo pois trabalha o dia todo. Não me sinto à vontade para conversar com ela sobre namorado. Apesar da minha mãe me bater mais do que o meu pai, a gente prefere a mãe".

- Relacionamento com o pai: "converso com ele, ele é mais aberto do que a minha mãe".

- "Os meus pais estão separados, mas o meu pai vai sempre na minha casa".

- Relacionamento com os irmãos: "é bom, brigamos as vezes mas é bom".

- Com relação a vida dos pais: "não sei com quantos anos eles se casaram, o meu irmão mais velho tem 18 anos, então eles devem ter 20 anos de casados. A minha mãe engravidou depois de casada. O relacionamento deles é bom, ele põe as coisas dentro de casa, é normal, o pai ajuda dando as compras da casa".

3) Vida Social: - Ela estudou até a 6ª série do 1º grau. "Parei de estudar porque não tinha vaga no colégio. A minha mãe pagava escola particular, mas não pode mais pagar porque teve outro filho. Estou um ano sem estudar. E foi nesse período que engravidei".

- "Não trabalho, mas estou procurando trabalho numa fábrica".

- O relacionamento com os amigos: "é legal; só tem uma amiga que confio, o resto é colega, tem muita fofoca. Com os vizinhos é legal, o relacionamento é bom".

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - Menstruou com 14 anos. "Já sabia sobre isso, e perguntei para a minha mãe e ela

me explicou. Não tenho intimidade para falar sobre sexo com a minha mãe, ela não dá liberdade para falar sobre isso".

- "Nunca tive muitos namorados, só namorei sério dois namorados, e foi com o segundo que me perdi, eu tinha 15 anos. Nós namorávamos, ficávamos pensando em transar mas eu nunca deixava. Até que um dia aconteceu e estamos juntos até hoje. Continua normal a minha vida sexual".

- "Não contei aos meus pais sobre a minha vida sexual por vergonha, contei só para uma amiga".

- "Esta é a minha primeira gravidez, demorei para engravidar".

- "Soube que estava grávida pela menstruação, não fiz exame. Queria engravidar, fiquei desesperada".

- "Pensei em abortar mas não quis porque senti pena do neném".

- " Não tomei nenhuma precaução em função da AIDS".

- "O meu namorado queria que eu abortasse, ele trabalhava e agora está desempregado mas está procurando emprego".

- "Não contei logo para a minha mãe. A minha mãe sempre controlava a minha menstruação mas ela dizia que ia vir. Quando ela soube falou muito, mas agora está mais acostumada. Ela tem esse jeito mas no fundo ela é legal". "Ela é assim para não dar liberdade, que tem mãe que dá liberdade e os filhos deitam e rolam. O meu pai é mais coisa né, a mãe fala pelo pai. Os meus irmãos não se metem na minha vida e os vizinhos falaram que eu era muito nova, para depois tomar remédio para não acontecer mais. Os colegas não falaram nada. Os meus pais não falaram nada sobre casamento, eu namorava escondido mas a minha mãe sabia que eu namorava".

- Não sabe qual foi a reação da família dele, "só gosto de um irmão dele".

- "quero ensinar para o meu filho, o mesmo que a minha mãe me ensinou, mas na hora mesmo é que vou ver".

- "O filho representa muita coisa, a mesma coisa que a minha mãe representa para mim, representa tudo, é o filho".

- "Não tenho planos para ele, hoje em dia não dá para ter planos para nada". "Pretendo assim, ensinar, mas só na hora vê".

- É ela quem vai criá-lo porque a sua mãe trabalha, criou o seu irmão de 8 anos desde pequeno e o outro de 9 meses.

- "Com relação ao filho, sinto vontade que ele venha logo, que a minha barriga passe desse estado, mas estou gostando".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - Sabe que tem remédios para evitar gravidez: "um dia tomei um mas passei mal e não tomei mais. Não sei qual remédio que era, foi a minha colega que me disse. As pessoas sempre sabem sobre esses remédios e aí essa amiga soube assim e me contou, não fui ao hospital. Tomei o remédio algumas horas antes de transar".

- Conversa sobre sexo com a amiga . Não teve aula de educação sexual no colégio. "No colégio sempre tem professor que ensina. A minha colega sabe muitas coisas, ela tem 14 anos, e fez até a 8ª série, e no colégio dela sempre ensinam essas coisas, e ela aprendeu com esses professores".

- Sobre quem seria mais indicado para falar sobre sexo, disse

que: "a obrigação é dos pais, mas a maioria dos pais não gosta; mas acho que os pais é quem deve ensinar".

- Acha que a jovem deve se preocupar em usar algum método antes de iniciar a sua vida sexual.

- Se sente envergonhada para falar com o médico sobre sexo

- "Sabia que podia engravidar se não tomasse nenhum remédio, mas transei mesmo assim".

- "Acho importante o pré-natal, para acompanhar a barriga. Procurei o atendimento essa semana".

6) Projetos de Vida:

- "Todo mundo sonha em ter a sua casa, mas como eu posso pensar numa coisa se nem eu nem ele trabalhamos (riu), mas que amanhã, depois, vou ver".

3ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 15 anos, solteira, mora em Engenho da Rainha, está no 4º mês, a renda familiar é mais do que 1 salário mínimo, o pai e dois irmãos trabalham; o pai estudou até a 2ª série do 1º grau, e os irmãos têm 1º grau incompleto (só o primário), a mãe é analfabeta, só escreve o nome.

2) Vida Familiar: - Mora com os pais e 3 irmãos. O relacionamento com os irmãos é bom. Com o pai também é bom, conversam bastante, se sente mais a vontade para conversar com a sua mãe.

- "Não me lembro com quantos anos os meus pais se casaram, mas a minha mãe já tinha um filho quando eles se casaram de outro casamento. Eles se dão bem".

3) Vida Social: - Estudou até a 7ª série do 1º grau, em escola pública. Este ano ela vai ficar sem estudar e depois da gravidez vai continuar. Resolveu parar porque não sabia qual ia ser a reação das pessoas da escola, se iam aceitar ou não.

- Não trabalha.

- "Tenho amigos e o relacionamento é bom. Converso com os vizinhos, até demais".

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - Menstruou com 11 anos. "A minha mãe explicou tudo para mim. Converso sobre sexo com ela, e converso mais agora que estou grávida. Antes ficava envergonhada de perguntar, e a minha mãe também não falava. Agora conversamos bastante".

- "Comecei a namorar com 12 anos. Com 15 anos iniciei a minha vida sexual. O meu namorado morreu há um mês, não namoro ninguém agora".

- "Não contei aos pais que me perdi, só para uma amiga".

- "Esta é a minha 1ª gravidez. Engravidei no terceiro mês seguinte após ter iniciado a minha vida sexual".

- "Quando soube da gravidez fiquei pasma (risinho), arrependida de não ter usado os métodos, a pílula, mas não podia fazer mais nada ou melhor até podia, mas... a mãe não

estava sabendo Quando contou para o namorado, ele também não resolveu nada. Aí resolvi esperar mais um tempo para falar com a minha mãe ".

- "Pensei em abortar ,mas como ele morreu desisti. Se ele não tivesse morrido, acho que teria abortado pois não ia ter condições de ficar com ele. Ele trabalha, vive de salário, e a minha mãe também estava naquele desespero e o pai também, então o melhor era abortar".

- Ela terminou o seu namoro e só depois que contou para a mãe. "Quando estourou a bomba lá em casa a minha mãe foi falar com ele, mas nós já estávamos separados. Uma semana depois de ter contado ele morreu".

- "A família dele queria desde o início ter o neto, queriam que nós ficássemos juntos. Mas o que ele ganhava mal dava para ele. Mas ainda tenho contato com eles. Estou neste hospital porque a tia dele trabalha aqui e me colocou".

- "O filho representa algo para mim, gostava muito do pai dele e então decidi ter o filho por causa disso também".

- "Não tenho planos para o filho vou criá-lo junto com a minha mãe".

- "Diante do filho que vem, estou me sentindo normal".

- "Os meus irmãos ficaram a favor do meu pai, a decisão que ele tomasse eles iam apoiar, mas agora ficou tudo calmo, eles até querem criar o sobrinho".

- "Os vizinhos não tiveram reação nenhuma, ficaram chocados com a idade".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - "Não tenho conhecimento sobre métodos para evitar a gravidez. Sabia que podia engravidar se transasse sem usar nenhum método. Mas deixei de perguntar porque fiquei sem jeito de perguntar para alguém sobre isso, mesmo sabendo que podia engravidar".

- "Conversava sobre sexo com uma amiga que agora se mudou. Com a minha mãe antes era muito difícil, só converso agora que engravidei".

- No colégio não tinha aula de educação sexual.

- "Os pais são as pessoas mais indicadas para falar sobre sexo com os jovens, porque estão mais ligados".

- "É importante a jovem usar um contraceptivo antes de transar para não acontecer o que aconteceu comigo".

- "Fico envergonhada de pedir informação sexual no hospital".

- Faz pré-natal desde o 1º mês: "acho importante para saber como está a criança, para ver se eu vou ter condições de ter a criança".

6) Projetos de Vida: - "Após o nascimento do filho pretendo voltar a estudar e trabalhar. Quero primeiro trabalhar e estudar à noite".

- "Para o meu futuro, quero ter o filho, trabalhar e estudar".

4ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 15 anos; solteira; mora em Nova Iguaçu, só a mãe que trabalha e recebe 1 salário mínimo. Mora com os pais e 2 irmãos.

2) Vida Familiar: -" O relacionamento com a minha mãe é bom, mas não conversamos sobre tudo. Com o pai é ruim porque ele bebe, não tem diálogo. Ele é aposentado e recebe 1 salário mínimo".

- "Com os irmãos é mais ou menos, tem um irmão que eu não falo, porque brigamos, ele quer mandar em mim. Com o outro que é menor é melhor, nós brincamos".

- Não sabe com quantos anos os pais se casaram, nem quanto tempo estão juntos. A mãe engravidou depois de casada. "A minha mãe dorme separada do meu pai. Eles brigam muito, o meu pai bebe muito também e é só discussão".

3) Vida Social: - Parou de estudar na 4ª série do 1º grau em função da gravidez. "Não estava mais conseguindo estudar, não tinha mais força de vontade de estudar, só tirava nota vermelha. Ficava pensando na gravidez e não conseguia mais estudar. Ninguém soube no colégio porque eu nunca contei, só uma garota que sabia".

- Não trabalha.

- Tem bom relacionamento com as colegas, e com os vizinhos.

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - Menstruou com 11 anos. "A minha mãe explicou sobre isso, mas ela não conversa sobre sexo comigo, só agora que estou grávida. Antes eu perguntava mas ela não respondia ficava com vergonha, aí eu ia perguntar na rua e falava com a minha mãe e ela dizia que eu estava sabendo demais".

- Começou a namorar com 13 anos. Iniciou sua vida sexual com 14-15 anos, com o atual namorado. "Me perdi porque me deu vontade. O meu namorado não abusou, eu não estava mais agüentando, me deu muita vontade, e aí quando um não quer dois não quer, aí pronto. Quando um não quer dois não brigam. Ele nunca tentava, aí tentou uma vez e eu não quis, aí depois eu dei (riu)".

- "Continuei transando com o meu namorado. Não contei nada aos meus pais porque não tinha coragem de falar com a minha mãe, fiquei com medo porque ela sofre do coração. O meu único consolo era que não pegasse gravidez. Mas quando a minha regra não veio ela comentou com os vizinhos e aí eles falaram para ela que eu estava grávida. E então ela foi falar comigo e eu confirmei".

- "Só contei para uma colega que tinha transado".

- "É a primeira gravidez. Demorou quase 1 ano para engravidar. A gravidez não interferiu na minha vida sexual".

- "Fui no médico fiz o exame e vi que estava grávida. Aí mostrei ao meu namorado, e depois fiquei nervosa. Pensei em tirar mas não tinha coragem. Tinha medo de morrer e não conseguir tirar, e então resolvi não tomar nada para abortar. E depois disso melhorei".

- "O meu namorado viu o exame e não falou nada, mas ele está

curtindo a gravidez".

- "A minha mãe me disse que queria que eu lhe falasse quando transasse, mas não falei porque ela sofre do coração, então quando ela me perguntou eu confirmei. A minha mãe me disse que eu era muito nova para engravidar e que eu teria que assumir com os meus erros. Não conversei com o pai e que não falou nada comigo. Os meus irmãos também não falaram nada".

- Não tomou nenhuma precaução em função da AIDS.

- Os vizinhos falaram que ela estava muito nova, e os seus colegas ficaram contentes e brincam com ela.

- "Não sei dizer o que o filho representa para mim, mas quando penso nele penso coisa boa. Penso que dê tudo bem com ele, que ele seja feliz".

- "Não tenho planos para ele".

- Ela e o namorado é que vão criá-lo.

- "Diante do filho que vem me sinto melhor ainda".

5) Dados de Informação e Educação Sexual:

- "Tenho conhecimento sobre contraceptivos, conheço os remédios. Mas não usei nenhum deles, só a tabela. Sabia que poderia engravidar nessas condições. Mas tinha pouca informação sexual. Conversei com uma colega mais velha que tem gêmeos, ou então pergunto ao namorado".

- Não teve aula de educação sexual no colégio.

- "Os pais são as pessoas mais indicadas para falar sobre sexo com os jovens, porque estão mais perto do que os colegas da rua".

- "Acho que a jovem deve se preocupar em usar algum método antes de transar, pois é melhor do que ter o risco de pegar uma gravidez".

- "Senti vergonha de pedir informação sexual no hospital".

- Procurou o pré-natal com 1 mês: "acho importante que o médico veja como eu estou e como está o neném, para dar vitaminas".

6) Projetos de Vida: - Vai morar com os pais do seu namorado até ter o filho. Depois vão fazer casa e morar sozinhos; ele trabalha.

- "Depois de ter o filho pretendo trabalhar".

5ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 15 anos, "juntada" mora com o namorado e com a mãe, renda familiar é de 2 s m ; a mãe só sabe ler e escrever e o namorado parou na 7ª série do 1º grau; está no 5º mês.

2) Vida Familiar: - "Quando a minha mãe descobriu que eu estava transando ela disse para nós morarmos juntos com ela, e nós aceitamos".

- "A minha mãe tem mais 3 meninos e 1 menina, mas eles não moram com ela".

- "Os meus pais são separados, ele chega em e não fala nada só

com a minha mãe aí diz boa-noite e vai embora".

- "Não sei porque o meu pai foi embora quando eu era pequena, não sei com quantos anos eles se casaram, mas a mãe engravidou depois de casada".

- "O meu relacionamento com a minha mãe é bom, ela trabalha e quando chega conversam, mas fiquei com medo de contar para ela que estava namorando com medo dela me bater porque ela não queria que eu namorasse esse rapaz".

- "O meu relacionamento com o meu namorado é bom, não brigamos, ele tem 23 anos".

- "Não converso muito com o pai".

3) Vida Social: - Estudou até a 4ª série do 1º grau, e parou antes de engravidar porque não gostava de ir para a escola.

- Não trabalha.

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - Menstruou com 12 anos. "A minha mãe me explicou o que era e me disse que caso eu me perdesse que era para falar com ela para ela me dar remédio para não engravidar".

- "Mas fiquei com medo de lhe falar e ela me bater, e foi ele quem falou para ela e para o pai; o pai queria me bater mas a mãe não deixou: ela já se perdeu e não volta mais para o lugar. Então ele foi embora e não fez nada. A mãe não falou nada, deixou eles transarem, ele mora em Paciência, na roça, e eu fui morar com ele".

- "Agora converso com a minha mãe sobre o filho mas não sobre sexo, sobre sexo só falo com o meu namorado".

- Iniciou sua vida sexual com 13 anos, e foi com o atual namorado, que foi o seu primeiro namorado. "Porque ele me pedia, ele queria e aí passou uns tempos e eu quis também".

- A sua vida sexual continua normal.

- "Esta é a minha segunda gravidez, a primeira eu perdi o filho na barriga. A primeira vez demorei para engravidar. Tinha 14 anos".

- "Quando soube que estava grávida contei para ele e para a minha mãe. Aí ele ficou todo bobo e me disse para não tirar. Não queria abortar, mas não queria mais filho".

- Não tomou nenhum cuidado com a AIDS.

- "A minha mãe quando soube da primeira gravidez riu, mas eu perdi o filho; acordei com dor na barriga e fui no médico e aí o filho já estava morto. A minha mãe me dizia para ir no médico, mas eu não ia, acordava tarde. E nesse dia eu chorei e tudo".

- "Quando a minha mãe soube que eu estava transando me receitou um remédio, pílula, e eu tomei mas depois parou, e aí peguei a gravidez. Parei porque ele queria ter um filho e eu também queria".

- "Os meus irmãos gostaram da notícia. Uma irmã tem 3 filhos e engravidou a primeira vez com 14 anos; a segunda só tem um e está com 17 anos".

- "As minhas amigas falaram que eu estava muito nova. Os vizinhos não falaram nada, não falo muito com eles".

- "Espero uma porção de coisas do meu filho; que ele não me dê

trabalho, que não me dê aborrecimento".

- "O filho representa uma porção de coisas, tudo de bom; a coisa que eu mais tenho no mundo é ele, vai ter alguém para ficar do meu lado, se eu sofrer é uma pessoa que vai ficar perto de mim".

- Ela vai cuidar do seu filho e a sua mãe vai lhe ajudar.

- "Não tenho planos para o meu futuro".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - "Não tenho conhecimento sobre contraceptivos. Nunca tive curiosidade de saber; uma moça perto da minha casa toma injeção".

- "Sabia que tinha algo que podia evitar a gravidez mas não quis saber, porque não quis evitar a gravidez. Agora quero evitar e depois dessa vou me cuidar. Vou conversar com as colegas e irmãs, pois tenho vergonha de conversar com o médico. A minha mãe pede para o médico".

- "No colégio não tinha aula de educação sexual".

- "A pessoa mais indicada para falar sobre sexo é a mãe".

- "Não sei se a jovem deve usar algum contraceptivo antes de transar porque nunca usei; quando não quer é importante".

- Procurou o pré-natal com 3 meses. "É importante para ver se está tudo bem com o bebê".

6) Projetos de Vida: - "Após o nascimento dele pretendo trabalhar".

- "Não tenho planos para o seu futuro".

- "Pretendo comprar uma casa junto com o meu namorado, mas roubaram o dinheiro dele que estava em casa e agora ele está juntando de novo".

6ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 15 anos, solteira, 7º mês de gravidez; mora na Rocinha; só o pai trabalha e não sabe qual é a renda, acha que é 3 ou 4 s.m.; não sabe a escolaridade do pai, a mãe fez até a 7ª série do 1º grau. Mora com os pais e 2 irmãos .

2) Vida Familiar: - "O relacionamento com os meus pais é bom, converso com minha mãe sobre tudo, me sinto a vontade com ela. O meu pai é mais fechado, não tem muito papo".

- "Com os meus irmãos é bom também".

- "Os meus pais se dão bem. A minha mãe se casou com 17 anos e o meu pai com 28. Ela casou grávida, mas ela não fala comigo sobre isso".

3) Vida Social: - Não estuda, parou na 7ª série do 1º grau. Parou antes de engravidar. "Não agüentava mais, era muito chato o colégio e os professores".

- Não trabalha.

- "Tenho amigos, e nos damos bem".

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - Menstruou com 12 anos. "Já sabia o que era porque na escola tinha palestra. E a

minha mãe também conversou comigo. Sobre sexo não falam eu tenho vergonha. Não falo com ninguém sobre sexo, nem com o namorado".

- Iniciou a sua vida sexual com 14 anos, com o atual namorado.
- "Não sei porque, foi uma iniciativa de nós dois".
- Continua normal a sua vida sexual.
- "Demorei 2 meses para engravidar depois que me perdi".
- "Quando soube que estava grávida fiquei com medo dos meus pais brigarem, mas depois foi normal".
- Não pensou em abortar.
- "O meu namorado ficou super contente porque era o que ele mais queria, e agora está todo bobo. Eu também queria ter um filho, adoro criança".
- "Os meus pais reagiram normalmente, não falaram nada. Os meus irmãos ficaram contentes".
- "Os meus vizinhos e colegas reagiram bem".
- Quando perguntei o que ela esperava do filho, "que ele seja obediente, educado, que tenha saúde".
- "Ele representa tudo para mim".
- É ela quem vai criá-lo.
- "A família dele reagiu bem".
- "Com relação ao filho, estou bem, feliz".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - Tem conhecimento sobre contraceptivos.

- "Nunca usei porque não quis. Tinha medo de usar, não sei porque".
- "Sabia que poderia engravidar se não usasse nenhum método".
- Aprendeu no colégio em palestras; "as palestras me ajudaram". - "Não sei quem seria mais indicado para falar com os jovens sobre sexo; talvez os professores porque os pais não querem falar sobre isso".
- "Procurei o pré-natal com 4 meses. Acha importante porque ajuda a ver se o bebê está bem".

6) Projetos de Vida: - "Após o nascimento dele penso em cuidar dele, sei lá".

- "Para o meu futuro não tenho planos".
- "Já tenho casa com o meu namorado. Quando a obra ficar pronta vou morar com ele, só nós dois".

7ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 16 anos, 7º mês; mora em apartamento no Leblon; a renda é de 3 s.m.; o pai e o marido trabalham; é juntada; o marido tem o 1º grau, o pai estudou até a 3ª série e a mãe na 4ª série.

2) Vida Familiar: - Mora com os pais, 1 irmão e o namorado.

- "O meu pai achou cedo para eu engravidar, queria que eu estudasse mais. Ele me colocou para fora de casa quando soube. Foi um choque para eles, mas agora ele está mais tranqüilo. Depois eu vou morar sozinha com o meu namorado".

- "A minha mãe aceitou, também foi um choque para ela, mas depois aceitou".
- "Os meus irmãos aceitaram, só o meu pai mesmo que falou".
- "Os meus pais se dão bem, e a minha mãe engravidou depois de casada".

3) Vida Social: - Ela estudou até a 7ª série, passou muito mal e então parou no fim do ano em função da gravidez. "Se não tivesse passado mal teria continuado. No colégio ninguém soube, mas não falariam nada também".

- Não trabalha.

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - Menstruou com 11 anos, e já sabia o que era, a mãe lhe explicou. Conversam "mais ou menos" sobre sexo, ela fica envergonhada para falar com a mãe.

- Iniciou a sua vida sexual com 14 para 15 anos.
- "Não sei porque me perdi, nós dois quisemos".
- "A minha mãe sentiu e me perguntou se eu já tinha transado, mas eu neguei. Foi o meu namorado quem falou, ela perguntou para ele e ele contou".
- "A minha mãe conversou comigo sobre métodos, e me levou no médico; tomei uns remédios".
- "Demorei bastante para engravidar, quase um ano".
- "Quando soube que estava grávida, não sabia, ser mãe, a reação dos pais, tudo isso. Pensei que era muito jovem; não sabia se queria engravidar, foi uma coisa que aconteceu, e que não queria tirar".
- "Não quis abortar, porque tinha medo, tenho medo; não gosto disso".
- "Ele gostou da notícia".
- "Os pais dele são separados, a mãe dele no início não gostou, mas agora já está aceitando, o pai dele não sabe".
- "Espero que o filho venha bem, que ele cresça".
- "O filho representa muito; criança representa tudo para a gente, principalmente para uma mãe".
- Em função da AIDS diz que usava camisinha mas que depois parou.
- É ela quem vai cuidar do filho.
- Quanto ao filho: "estou me sentindo normal; gostei da idéia, amadureceu mais, antes de ter filho a pessoa pensa de uma forma, depois que tem filho a gente desperta mais; a gente está se acostumando com a idéia de ser mãe".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - Tem informação sobre contraceptivos: "a mãe me levou no médico quando soube que eu estava transando. Usei pílula".

- "Engravidei porque parei de usar um pouco a pílula. Sabia que podia engravidar se não usasse nenhum método, mas parei um dia e aí não tinha engravidado, e então parei de vez".
- "No colégio tinha aula de educação sexual, eu achava interessante".
- "Sempre ouvia falar sobre sexo, na TV, conversando com as

minhas amigas".

- "A amiga é a pessoa mais indicada para falar sobre sexo com os jovens".

- "A jovem deve se prevenir antes de transar".

- Não se sente muito à vontade para pedir informação sexual para o médico.

- Procurou o pré-natal com 6 meses. "Acho importante o pré-natal".

6) Projetos de Vida: - "Após o nascimento do filho pretendo continuar os estudos".

- "Não tenho planos para o futuro".

- É ela quem vai criá-lo.

8ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 16 anos, 8º mês; mora no morro Santa Marta; a renda familiar é de 2 salários mínimos; a mãe e o marido trabalham, ele fez até a 6ª série e a sua mãe têm o ginásio completo.

2) Vida Familiar: - Mora com a mãe, 2 irmãos, 1 sobrinho (filho da irmã de 17 anos), e o seu marido.

- Os pais são separados. "Eles se separaram porque ele arranjou um segundo casamento, mas hoje em dia eles são bastante amigos. Quando eles se casaram a minha mãe já tinha 1 filho, e teve o segundo 6 meses depois que se juntou com ele".

- O relacionamento com a sua mãe é bom. "Têm certas coisas que a minha mãe não é liberal, mas a gente conversa bastante em casa, todo mundo".

- O relacionamento com o pai: "não é que seja ruim, é que quase eu não o vejo; a gente se vê e não tem aquela liberdade, mas é bom, não é de briga".

- "Com os meus irmãos é bom o relacionamento".

3) Vida Social: - Não estuda, parou na 7ª série: "sei lá eu parei. Foi durante a gravidez. Por causa da gravidez, para acompanhar a gravidez até o neném nascer, aí quando nascer a minha mãe tomaria conta e eu continuo o estudo".

- Tem bastante amigos: "o relacionamento é normal, mas bastante distante, não sou muito de ficar em turma não".

- "Com os vizinhos é bom o relacionamento".

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - "Fiquei moça com 13 anos. Já sabia, já tinha a minha irmã também. Não converso muito com a mãe sobre sexo, não tenho muita liberdade, mas a gente conversa. Se eu perguntar ela conversa. Mas eu fico com vergonha de perguntar".

- Já tinha namorado de colégio.

- Iniciou a sua vida sexual com 15 anos, com o atual namorado. "Ah sei lá, foi o momento".

- "Atualmente não tenho relações sexuais com o meu namorado porque me sente indisposta, me sinto diferente".

- "Não demorei muito não para engravidar".

- A sua reação frente à gravidez: "ah, eu nem acreditei, sabia que corria o risco mas nunca achava que podia acontecer comigo. Poderia acontecer mas quando eu soube, eu não estava acreditando que eu estava grávida".

- Quanto ao aborto, diz que não quis: "tinha medo, ah, já que eu estava não ia abortar. Tinha que ter tomado cuidado antes de pegar né".

- Não se precaveu com a AIDS.

- "Ele gostou da notícia".

- A reação da mãe: "a minha mãe não gostou muito porque falou que eu era muito nova, estava estragando a minha vida, mas já que eu tinha pegado era melhor deixar que ela ajudava, que eu não ia tirar".

- "Ah, o meu pai eu não falei nada com ele não, mas ele sabe".

- "Os vizinhos não falaram nada".

- "O meu filho representa um monte de coisas né. A minha irmã também é nova, eu vejo ela com o meu sobrinho. Ah, um dia tem que mudar, muda o jeito da pessoa. A gente que é nova já muda, fica com mais responsabilidade. Agora a gente não pode pensar só na gente, tem que pensar no filho. Essas coisas pensa logo primeiro no filho. É, também me sinto diferente, assim, agora é um filho não é mais uma boneca. Ah, sei lá só vendo depois de nascer".

- "Diante do filho que vem, me sinto mãe".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - Tem conhecimento sobre métodos para evitar a gravidez.

- "Não usei nenhum método porque eu nunca quis".

- "Aprendi sobre isso no colégio".

- Conversava com as amigas de colégio sobre sexo.

- "A pessoa ideal para falar sobre sexo é pessoal especializado, tipo ginecologista, alguém que trabalhasse com isso".

- "Acho que a jovem deve usar algum método antes de transar, quem não quer pegar né, e evita também as doenças, AIDS".

- Procurou o pré-natal com 3 meses: "ah, já que eu ia deixar, eu tinha que fazer o pré-natal; eu acho importante, é o único meio de saber como a criança está evoluindo, se está bem".

6) Projeto de Vida: - "Após o nascimento do meu filho vou voltar a estudar, ter a minha casa direito, saber criar direito".

- Planos para o futuro: "não sei, enquanto der vou estudar e trabalhar também".

- Planos com relação ao namorado: "nós vamos morar juntos, cuidar juntos do filho, lá em casa é pequeno para o número de pessoas e aí ele vai comprar uma casa para a gente. Eu quero ter a minha casa".

9ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 17 anos; "juntada"; mora na Penha: 4º mês; renda familiar um salário mínimo; marido trabalha, ele estudou até a 8ª série do 1º grau.

2) Vida Familiar: - Atualmente mora com o namorado, se juntaram depois que engravidou.

- Antes morava com a mãe e 5 irmãos: "o meu pai é morto. Aí a minha mãe se juntou e teve 5 filhos. O meu pai morreu quando a minha mãe estava grávida. Foi de tiro que ele morreu, mas eu não queria falar sobre isso".

- Relacionamento com a mãe: "não é o dos melhores, não". conversamos".

- "Com os meus irmãos só me dou bem com a minha irmã".

- Sobre os pais: "não lembra, a minha mãe não fala sobre isso".

3) Vida Social: - Não estuda, parou na 3ª série do 1º grau: "mas vou voltar, parei antes de engravidar porque era muito tiro onde eu morava e era arriscado até de eu morrer, agora melhorou".

- "Trabalho em casa de família".

- "Não tenho amigos, só falo com a irmã".

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - "Fiquei moça com 13 anos, já sabia e a minha mãe explicou; sobre sexo a mãe só fala quando ela pergunta".

- Começou a namorar com 10 anos.

- Iniciou a sua vida sexual com 14 anos.

- "Me perdi porque todos diziam que era bom".

- "Minha vida sexual com o meu namorado é boa. Continuo transando depois da gravidez".

- "Só contei aos pais depois de 5 meses, porque tinha medo da reação da minha mãe. Só falei com minha a irmã".

- Esta é a sua segunda gravidez. "A primeira foi no ano passado, mas tirei porque não tinha condição de ter o filho, aí a minha mãe fez um remédio e a menstruação voltou Foi com o mesmo namorado".

- "Não engravidei logo depois da primeira relação sexual, não tomei nada, apesar de saber que poderia engravidar".

- "Quando soube da gravidez foi maravilhoso porque eu queria engravidar o meu namorado também queria, menos a família que não queriam".

- "Não quis abortar porque queria ter o filho".

- Não se preocupou com a AIDS.

- "O filho representa tudo, tudo de bom, muita felicidade. Que ele traga muita união da minha família comigo".

- "Diante do filho que vem me sinto maravilhosa".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - "Soube aqui no hospital, sobre pílula, camisinha".

- "Já, pílula, o médico deu mas parei porque enjoava e porque queria engravidar".

- "No colégio não tinha aula de educação sexual, só falava nos grupos do hospital".

- "A pessoa adequada para falar sobre sexo, você, ou qualquer outra pessoa daqui".

- "Acho que a jovem deve usar algum método antes de transar porque tem tanta doença hoje e tem gente que nem pensa nisso".

- "Não me sinto à vontade para falar com o médico sobre sexo, só nos grupos que tem no hospital".
- "Procurei o pré-natal com 2 meses, para evitar doenças".

6) Projetos de Vida: - "Após o nascimento do meu filho vou voltar a trabalhar e a minha irmã vai cuidar do meu filho".
- "No meu futuro não pensei ainda".

10ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 16 anos; 5º mês; mora junto com o namorado numa casa no Recreio dos Bandeirantes; ele ganha 1 salário ou mais dependendo da obra; ele tem 1º grau incompleto.

2) Vida Familiar: - "Antes, morava com a mãe uma irmã e o padrasto, os meus pais são separados eu nem conheço o meu pai, ah porque eles se deixaram logo quando eu nasci, eu era muito pequena e não me lembro. Minha mãe me criou praticamente sozinha".

- "A minha mãe engravidou depois que casou".

- Relacionamento com a mãe: "não estamos nos dando bem agora. Eu estou de cara feia com ela por causa de umas injustiças que ela fez com a minha irmã, mas logo eu volto a falar com ela. Eu quero tentar dar um castigo nela para que ela não faça mais isso. Foi por causa do meu padrasto, por brigas entre ele e a minha mãe, nisso a minha irmã ajuda, moram todos juntos. Deu confusão porque o meu padrasto tentou matar a minha mãe e irmã, incendiar a casa, porque ele bebe. Ai nisso o meu cunhado foi denunciar, só que a minha mãe não quis. E eu me chateei com isso, e já estava grávida. Mas antes disso eu conversava com ela, cada um tinha o seu serviço. Ela ficava mais dentro de casa, e eu só vinha no final de semana, mas a gente conversava, brincava".

- "Com a minha irmã o relacionamento é ótimo, mas eu estou sentindo muita falta porque ela foi embora e eu estou praticamente sozinha. Houve esta encrenca com a minha mãe eu gosto de chegar lá e falar, mas não dá, eu tenho que castigar ela um pouco para ela não fazer. É certo que ela sofreu, mas fazer o que né E a minha irmã, ela está ótima".

3) Vida Social: - Parou os estudos na 3ª série do 1º grau. "Por irresponsabilidade da minha mãe, brigas, porque eu já tinha saído antes para trabalhar, aí quando quis voltar ela não quis me matricular, porque eu sou de menor. Foi por isso que eu fiquei sem estudar. Agora depois que o bebê nasceu o meu marido já é de maior e vai ver isso para mim. Eu pretendo estudar, vou ver né".

- Não trabalha.

- "Tenho amigos, amigas, vizinhos. Me dou muito bem com meus amigos Eu sou assim, não gosto de tratar ninguém mal, trato todo mundo bem As vezes a pessoa pode ter todos os defeitos mas eu procuro me dar bem com aquela pessoa, eu sou assim,

calma".

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez:

- "Fiquei moça com 13 anos,mas veio só um pouquinho, eu já sabia,mas perguntei;outra geração a pessoa aprende mais rápido. Não converso sobre sexo com a minha mãe porque ela não gosta. Ela exige respeito, as vezes qualquer palavrão ela já fala, olha o respeito. Então nisso, eu aprendi tudo sozinha. Perguntava para amigos".

- "Namorei com 14 anos, eu não tive juventude".

- "Me perdi com 15 anos, foi por curiosidade".

- "Depois que me perdi senti diferença, me senti mais leve, melhor, sei lá, eu não me sentia muito bem, eu tinha medo mas depois que eu fui ver que era uma coisa toda diferente eu fiquei mais leve".

- Sobre a sua vida sexual atual: "claro, até agora eu transo,mas não é a toda hora,porque dói a vagina. Dia sim, dia não, as vezes todo dia, mas ele entende, então não força".

- "A minha mãe descobriu que eu me perdi (riu). Porque a pessoa nova, início de namoro, está apaixonada, não tem juízo, não tem cabeça para raciocinar. Ih, foi um rolo, eu saí do emprego. Já estava quase morando com ele, foi acontecendo né, as coisas. Aí a gente foi lá, contou tudo para a minha mãe e pronto. Aí a gente começou a morar junto. Mas antes eu dormia na casa dele e chegava de manhã com a cara limpa. Aí ela desconfiou. Ela tem esse defeito, ela é muito estúpida, não dá para você chegar e conversar direito. Ela já muda, grita, te ofende, chinga. Com a minha irmã ela passou mal, ela quase matou a minha irmã de tanto bater. Então eu tinha medo. Mas só para mim ela não fez nada. Eu contei só para a minha irmã".

- "É a primeira gravidez, não engravidei logo depois que transei, foi quase um ano depois, engravidei muito cedo né, mas fazer o quê. Eu acho muito cedo porque eu estou nova né, eu tinha que curtir a vida,como eu te falei, cuidar do meu estudo. Tudo isso que eu não tive oportunidade. Minha mãe não deixou também. Então eu acho que estou muito nova,mas eu sou contra o aborto. Então o jeito é se contentar que venha".

- "Não foi ruim, não foi muito bom porque a gente não estava passando uma situação boa. Porque a gente estava morando com os pais dele e era uma confusão danada, o pai dele reclamava de tudo e eram 3 cômodos pequenos, tudo pequeno; e agora não estou com 3 cômodos mas é bem maior, depois vamos construir mais, e é meu e dele. Então não tem mais esse problema. Ele também não quis aceitar, depois foi aceitando".

- Aborto: "não, mais ele queria abortar. Mas eu não quis, porque eu acho isso uma maldade apesar que eu fiz tomando remédio, mas mesmo assim eu não aborto. Aconteceu né".

- Não tomou precaução em função da AIDS.

- Reação da família: - "minha mãe de princípio achou ruim, mas já estava com 3 meses, aí ela foi se acostumando, mas falava, você vai sentir a mesma dor que eu senti, assim você vai aprender a ser mãe. Essas coisas de mãe mesmo. A minha irmã ficou boba".

- "A família dele não foi contra, só uma irmã, porque ela queria que ele estudasse, ela bancava ele direitinho".
- "Todos os amigos gostaram, quando passo na rua falam olha a barriguinha".
- "Eu espero muita coisa boa para o meu filho. Que ele não seja uma pessoa como eu que ficou sem estudar, espero que ele tenha um bom estudo, uma boa profissão, tudo isso e até lá se eu puder".
- "Ele representa muita coisa. Tudo né, tudo. Representa mais do que minha mãe, mais do que tudo para mim".
- "Tenho planos, que ele estude, que seja uma pessoa decente, vou fazer de tudo para isso, que ele não vire um marginal, isso e aquilo. Que ele tenha uma profissão dele, a qual eu não tive ainda, que ele estude".
- Como se sente diante do filho que vem: "muito bem. Estou feliz, parece que estou honrada. Parece que eu estou com tudo né Vamos ver depois né, como vai ficar. Agora eu estou feliz. Inclusive o meu marido também está doente. Porque hoje eu atrasei meia hora ele já ficou doente e disse que eu ia perder a hora; quer dizer que ele se preocupa também, que ele quer ver se o neném está bem ou não".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - "Tenho muito conhecimento mas não fiz nenhum. Porque eu não queria abortar, já estava sentindo amor desde o primeiro mês, o feto na minha barriga, embora o meu marido não quisesse aceitar eu já sentia. (Mas quando você começou a transar você usou algum remédio, a pílula, camisinha para não engravidar?). Ah, usei. Eu já sabia lia livros, mas tinha as amigas que ajudavam Eu usei microvilar. Aí eu parei de tomar e fiz tabela. Parei de tomar porque o dinheiro não dava. Aí fiz 3 meses tabela e não peguei, aí voltei para o microvilar e peguei. Mas é porque eu tinha que ter tomado 8 dias antes. Eu tomei por conta própria. Eu comecei a tomar antes de transar".

- Não conversa com ninguém sobre sexo. "Antigamente eu conversava, agora eu fico meio tímida. Então eu não converso. Sei lá, eu acho de baixo nível conversar isso com as amigas. Eu acho que só deve ser entre duas pessoas, eu e meu marido. Eu fico com vergonha, aí qualquer pessoa que fala de sexo perto de mim eu já fico toda vermelha (deu um certo riso), mas com o meu marido eu converso".

- No colégio não tinha aula de educação sexual.

- "Quem seria indicado para falar sobre sexo com os jovens é um médico, uma psicóloga que é você, acho que é o mais indicado. Uma pessoa experiente, que sabe da vida".

- Ela acha que a jovem deve se preocupar em usar contraceptivo antes de transar: "porque é muito nova, como eu te falei Realmente, eu usei o método funcionou, mas eu só peguei depois que eu troquei de remédio. Mas eu acho que sim porque a pessoa nova tem mais é que curtir a juventude dela. Mas eu estou feliz também com a minha vida assim".

- "Fico um pouco envergonhada para falar sobre sexo com os médicos".

- Procurou o pré-natal com 3 meses de gravidez.

- Acha importante o pré-natal: "é gostoso, você está participando da vida do teu filho, se a barriga está mexendo ou não, escutar o coração; cuida do neném também".

6) Projetos de Vida: - "Depois que o filho nascer, eu penso em me cuidar e cuidar dele. Cuidar do meu estudo também, cuidar de tudo".

- "Para o futuro não tenho planos, meu plano agora é só com ele".

- Cuidar do filho: "isso que eu estou querendo ver para eu estudar. Eu vou ter que entrar num acordo com a minha sogra, porque ela é uma pessoa muito boa, mas impaciente com criança, vou ter que implorar para ela".

11ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 16 anos; "juntada"; mora em Nova Iguaçu; acha que está no 9º mês "mas eles acham que estou no 7º, o neném já está na posição de nascer e eu já sinto as contrações"; mora com os pais e 5 irmãos junto com o namorado; "todos trabalham mas nenhum recebe salário, somando tudo deve dar 1 salário. Acho que o meu marido estudou até a 4ª série, a minha mãe até a 7ª série do 1º grau, não sei a escolaridade do meu pai".

2) Vida Familiar: - Relacionamento com os pais: "é bom eu adoro eles sou filha única mulher".

- Com irmãos: "é bom, tem uns dois casados, moram tudo numa casa só Adoro as minhas cunhadas, são todos maravilhosos".

- Sobre o relacionamento dos pais: "minha mãe é ajuntada e ela já tinha 1 filho de outro casamento. Eles se dão bem".

3) Vida Social: - Não estuda, parou na 3ª série do 1º grau para trabalhar.

- "Não trabalho porque não posso, só depois que o bebê nascer. Eu parei porque tive hemorragia".

- "Tenho bastante amigos até, mas eu não gosto de arrumar muita amizade não, tenho duas só".

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - "Fiquei moça com 10 anos. Eu não sabia nada, quem me explicou tudo foi a minha colega, eu fiquei com vergonha. A minha mãe soube porque ela viu, eu não perguntei para ela. Depois ela disse que isso era coisa da vida As vezes eu converso sobre sexo com a minha mãe, eu gosto mais de conversar é com a minha cunhada, ela explica mais".

- Começou a namorar com 11 anos.

- "Me perdi com 15 anos; todo mundo ficava falando, aí eu disse é vamos ver no que isso vai dar.

- "Fiquei quase um ano para engravidar".

- Contou aos pais: "fiquei com vergonha (riu). Não contei para ninguém".

- A gravidez não interferiu na sua vida sexual.

- "Quando soube que estava grávida foi horrível. Eu não aceitei porque não era isso que eu queria. Eu acho que estou muito nova. Mas agora não tem mais jeito. Eu tenho que aceitar de qualquer jeito. Ele até que gostou, mas eu não".
- "Pensei em abortar, tirar, tomar alguma coisa, até veneno eu quis tomar mas meus pais não quiseram, e ele também não quis. Eu vou então fazer a vontade deles".
- Não tomou precauções em função da AIDS.
- "Minha família reagiu bem. Meu pai adorou, primeiro neto, minha mãe então adorou. Meu irmão está casado há 10 anos e não deu neto para ele. Meus irmãos também adoraram. Estão me paparicando até demais. Fico nervosa com isso".
- "Família dele também, gente maravilhosa".
- "Eu espero tudo, que ele seja obediente, igual eu sempre fui. Que se entenda bem com meus irmãos. Eu espero tudo dele, que seja estudioso, não seja preguiçoso. Eu espero tudo".
- "Ele representa tudo né. Agora ele vai ser parte da minha vida. Agora eu quero até demais, está chegando perto e eu estou querendo até demais".
- "Não tenho planos para ele".
- "Eu e minha mãe vamos cuidar dele".
- "É a minha primeira gravidez".
- Como se sente diante do filho que vem: "agora eu estou me sentindo bem melhor. Estou gostando. Vou até descer agora para a casa da minha tia porque pela ultra-sonografia ele deve nascer agora, semana que vem, e eu mora longe. De lá até aqui o filho já nasceu. São 4 horas".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - "Tenho conhecimento sobre contraceptivos. O médico me disse. Antes de ficar grávida eu estava na adolescência, aí eles me explicaram um monte de métodos. Eu só usei um, quando chegar na hora pegar e tirar. Passei um bom tempo sem pegar filho assim aí resolvi deixar dentro porque minha mãe também queria um neto e ficava falando, ah que dia o meu neto vai nascer. (mas ela já sabia que você estava transando?) é um dia eu estava conversando com minha colega e aí sem querer eu soltei, aí falei para ela, e ela não falou nada, mandou fazer exame de urina para ver se eu estava grávida, e fiz três e não estava. Aí também quando deu positivo, (quer dizer que você deixou dentro para dar um neto para a sua mãe ou você também queria ter um filho?) eu não, foi mais por causa da minha mãe". - "Converso sobre sexo com a minha cunhada".

- Não teve aula no colégio de educação sexual.
- "Acho que a pessoa indicada para falar sobre sexo com os jovens é o médico, eles tem mais prática e conversando a gente consegue se entender".
- "Acho que a jovem deve se preocupar em usar contraceptivo antes de transar, para não ficar grávida".
- "Não me sinto a vontade para falar com o médico sobre sexo, nunca quis conversar com nenhum deles porque fico com vergonha".
- Procurou o pré-natal com 2 meses. "Acho importante. Se você passar mal você já está aí. Eles já estão sabendo de tudo.

Acho melhor (você teve hemorragia, você chegou a tomar algum remédio para abortar?) não, é porque eu trabalhava, no quarto andar, numa casa com 4 crianças, e fazia faxina, arrumava a casa, tinha que levar no colégio. Subia na escada 10 vezes por dia. Aí eu comecei a sangrar e quando fui para o médico ele suspendeu o trabalho".

6) Projetos de Vida:

- "Após o nascimento dele planejo passar uns 3 meses em casa, depois sair para trabalhar. Minha mãe vai ficar com ele, se não der para eu levá-lo".
- Planos para o futuro: "agora não tenho mais. (porque você tinha?) tinha, eu queria ser veterinária. Depois que fiquei grávida perdi até a vontade".
- "Penso ter a minha casa, ficar só nós 3, ele pensa a mesma coisa".

12ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 17 anos; solteira; mora em Bangú, casa; 6º mês; renda 10 salários mínimos; mãe e padrasto trabalham, não sabe a escolaridade deles.

2) Vida Familiar: - Mora com a mãe, padrasto e 1 irmã.
- "Os meus pais são separados, o relacionamento deles é bom, mas não me lembro direito de como era a relação deles. A minha mãe não casou grávida".
- O relacionamento com o pai: "é bom".
- Com a mãe: "é bom".
- Com o padrasto: "também é bom".
- Com a irmã: "é bom, ela é mais nova".

3) Vida Social: - Estuda, está na 8ª série do 1º grau. Vai continuar estudando com a gravidez. "A escola sabe e não reagiu contra".
- Não trabalha.
- "Tenho pouquinhos amigos, me dou bem com eles".
- "Não falo com os vizinhos".

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - "Fiquei moça com 11 anos. A minha mãe conversou comigo, ela ficou um pouco inibida para falar sobre isso. Não conversamos sobre sexo".
- Começou a namorar com 12 anos.
- Iniciou a sua vida sexual com 15 anos; com o atual namorado, "foi mais curiosidade".
- A sua vida sexual continua normal.
- Não contou aos pais: "só contei que estava grávida. Achei que eles deviam saber. Não contei para ninguém".
- "Tinha 15 anos quando engravidei pela primeira vez. Engravidei 4 meses depois que iniciei a minha vida sexual".
- Reação diante da gravidez: "na primeira vez eu não fiquei feliz, teve aquele negócio de eu ser muito nova, estar atrapalhando a minha vida, mas depois já quis".

- "Esta é a segunda gravidez. O primeiro morreu depois que tinha nascido. Foi com o mesmo namorado. A segunda vez eu queria. Eu fiquei feliz. Eles falavam que eu ia ter que fazer muito tratamento para engravidar de novo, e sei lá, sem fazer muito tratamento eu engraidei".

- "Não quis abortar".

- Não pensou na AIDS.

- Namorado: "não falou nada, gostou".

- Reação da sua mãe: "não falou nada. O meu pai eu acho que nem sabe, não o tenho visto".

- "Família do meu namorado aceitou".

- "O padrasto e a irmã não falaram nada. Só a minha irmã que fica com muito ciúme, porque ela diz que todo mundo faz tudo para mim e não faz nada para ela".

- "Os amigos dão força".

- O que você espera do seu filho: "não sei".

- O que ele representa: "representa né, sei lá, eu gosto dele. Me dá é medo do que vai acontecer com ele".

- É ela quem vai criá-lo.

- "Diante do filho que vem estou me sentindo bem".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - Conhecimento sobre métodos para evitar a gravidez: "mais ou menos, pílula, camisinha, tabela".

- "Usei pílula quando comecei a transar. As amigas que me receitaram. Parei de tomar e engraidei parei porque estava começando a engordar muito".

- "Sabia que poderia engravidar se não usasse algum método, sabia, eu achava que nunca ia acontecer, ah sei lá, acontecia com todo mundo mas comigo não".

- No colégio não tem aula de educação sexual.

- "A pessoa indicada para falar sobre sexo com os jovens são os pais, porque tem mais liberdade".

- "Acho que a jovem deve se preocupar em usar algum método antes de transar: para não estragar a vida. Não poder mais sair, não perder muito".

- "Me sinto a vontade para pedir informação sexual ao médico".

- Procurou o pré-natal com 3 meses: "acho importante porque pode avaliar como está a criança, se tem algum problema".

6) Projetos de Vida: - "Após o nascimento do filho penso em trabalhar, só. Vou continuar estudando".

- Planos para o futuro: "Não tenho".

- Planos com relação ao namorado: "penso em morar junto com ele".

13ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 16 anos; solteira; mora na Rocinha; 4º mês; renda familiar 1 salário mínimo; "quem trabalha são as duas irmãs, de 19 e 20 anos. Uma estudou até a 4ª série e a outra até a 8ª série do 1º grau". Mora com os pais e irmãos, 6 pessoas. O pai é aposentado.

2) Vida Familiar: - Relacionamento com os pais: "a gente conversa muito, é bom o meu relacionamento com eles".

- "Com as minhas irmãs também é bom, eu converso muito com elas".

- Não sabe quando os pais se casaram: "quando a minha mãe se casou ela já tinha 2 filhos de outro homem. Ela tinha mais ou menos 20 anos quando teve o primeiro filho. Com o meu pai ela engravidou depois de casada".

- "Eles se dão super bem, o meu pai é carinhoso com ela".

3) Vida Social: - Não estuda: "parei na 4ª série. Tem quase 2 anos. Parei para trabalhar, mas agora estou desempregada".

- Não trabalha.

- "Tenho amigos, é bom o relacionamento".

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - "Fiquei moça com 13 anos. Minha mãe não explicou nada, eu tive que descobrir sozinha. Eu não perguntei para ela porque eu tinha vergonha (riu um pouco). Ela reclamou de eu não ter falado. Não converso com a mãe sobre sexo porque tenho vergonha. Converso mais com os amigos, revistas e até com as minhas irmãs mesmo".

- Começou a namorar com 13 anos.

- Primeira experiência sexual: "acho que tinha 14 anos, foi com outra pessoa". "Sei lá, mas é que ele me falava assim, aí eu também quis (riu)".

- "Não estou mais com o pai do meu filho. Depois que eu contei a gente se afastou, ele não quis aceitar. Disse para tirar, eu disse que não. Mas hoje em dia a gente conversa sabe. Fala sobre a criança. Não estou namorando agora".

- "Não, não contei aos meus pais que tinha iniciado a minha vida sexual. Eu tive medo de contar e eles poderem reclamar. Aí não falei nada. Não contei para ninguém".

- "É a minha primeira gravidez".

- "Engravidei 4 meses depois que comecei a transar".

- "Quando soube da gravidez, fiquei arrasada. Eu não queria no começo depois, acabei aceitando, porque eu pensei em tirar mas a minha família não tinha condições. Aí eu resolvi ter a criança (você não abortou porque não tinha dinheiro, se tivesse abortaria?) é, mas agora eu não quero mais abortar, se fosse no começo eu queria, logo que eu soube. Mas eu não tive condições, aí tive que ter a criança de qualquer jeito, querendo ou não. Mas se fosse para tirar agora, eu não tiraria não; ah, sei lá, meu filho está mexendo na minha barriga. O meu namorado queria também que eu tirasse a criança, mas depois a gente ficou conversando, refletindo, pensando bem em tirar, aí a gente teve que aceitar".

- Reação da sua família: "eles falaram a beça, reclamaram. Principalmente a minha mãe. Ela conversou muito comigo depois. A minha mãe já desconfiava de mim, ela sempre me perguntava e eu sempre negava. Porque eu ficava com medo de contar para ela. Aí depois, mas agora já está tudo bem, a minha família já aceitou mesmo a gravidez".

- "A família dele no começo ficou meio assim, mas depois

aceitaram".

- "Os amigos aceitaram numa boa".
- Não se preocupou com a AIDS.
- "A minha família não falou para nos juntarmos, eles só falaram sobre a gravidez porque isso já aconteceu com a minha irmã, aí acharam que eu já devia saber".
- "Espero que ele seja saudável, depois com o tempo eu posso trabalhar, botar ele numa creche. O meu namorado também vai me ajudar bastante".
- O que ele representa: "ele já está aqui dentro, eu já gosto muito dele, já sinto amor por ele".
- "Ainda não tenho planos para ele".
- É ela quem vai criá-lo.
- "Diante do filho que vem me sinto super bem".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - "Não tenho muito conhecimento, mas sei o que as pessoas falam, o que a minha mãe fala. Depois que eu engraidei a minha mãe fala bastante sobre sexo comigo. Antes ela não falava nada. Depois é que ela foi me explicar o que era a gravidez, o que sentia. Sobre métodos, eu só conhecia a pílula. Eu nunca usei e não perguntei para ninguém porque eu achava que não iria engravidar. É sempre achei isso, aí quando fiquei grávida eu fiquei arrasada. Eu pensei que isso nunca ia acontecer comigo e acabou acontecendo. Fiquei super chateada mas depois aceitei a gravidez".

- "Sabia que poderia engravidar se não usasse nenhum contraceptivo".
- "Eu converso sobre sexo com minhas irmãs e as vezes com amigas".
- "No meu colégio não tive aula de educação sexual".
- Que pessoa é mais indicada para falar sobre sexo com os jovens: "ah, não sei, talvez o médico. Porque tem mais sabedoria, pode dar um remédio sem prejudicar a pessoa".
- "Acho que a jovem deve se preocupar em usar algum método antes de transar, porque agora depois do que aconteceu comigo eu acho importante".
- Sobre pedir informação sexual para o médico: "acho que a gente fica um pouco envergonhada mas depois vai se soltando".
- Procurou o pré-natal com 3 meses: "acho importante para a criança, porque se ela tiver algum problema já vê".

6) Projetos de Vida: - "Após o nascimento dele penso em trabalhar, até estudar de novo se for possível, tudo o que puder dar para ele".

- "Para o meu futuro não tenho planos".
- Planos com o namorado: "ele fala que vai me ajudar mas nós não estamos mais namorando".

14ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 15 anos; casada; mora na Rocinha; está no 8º mês; mora com o marido; renda é de 4 s.m., marido estudou

até a 5ª série do 1º grau.

2) Vida Familiar: - "Antes eu morava com minha avó mas ela morreu e fui morar com meu pai. Minha mãe mora longe. Eles são separados. Tenho 4 irmãos".

- Relacionamento com o pai: "normal, ele falava uma porção de coisas né, que não ia aceitar. Mas depois que eu fiquei grávida, ele disse que se eu tirasse, eu ia me separar dele de vez. Aí eu fui e não tirei, e a gente está junto agora. Ele me ajuda. Não tenho muita intimidade com ele para conversar".

- "Com a minha mãe, eu morei com ela só até os 2 anos. Quando eu a vejo a gente conversa, mas eu aprendi tudo foi na rua, com as garotas. Não foi nem com ela nem com a minha avó paterna".

- "Com minha avó o relacionamento era meio ruim porque eu era bem novinha, mas ela não falava nada. Eu aprendi na rua. Porque lá no subúrbio a gente não liga muito para essas coisas de sexo, a gente só brinca. Subúrbio é Nova Iguaçu. Aqui no Rio é que as pessoas falam nisso. Quando fiquei menstruada mostrei para ela. Com 12 anos lá a gente não tem maldade, só pensa em brincar e os meninos também. Aí vim morar para cá e comecei a namorar. Tinha 13 para 14 anos o pessoal daqui é mais abusado. Aí mexe muito, fica cantando, chamando para sair. Eles mal me conheciam. Eles não podem ver menina nova sabe. Ainda mais na Rocinha. Aí eu comecei a namorar. Quando tinha 4 meses de namoro, aí foi, ele ficava perturbando muito. Ele foi o meu primeiro namorado. Passou um tempo, depois o meu pai descobriu, aí fez a gente morar junto. Ele soube na rua, lá é muita fofoca, gente que gosta de ver o mal das pessoas".

- "O meu pai é aposentado, policial".

- "A minha mãe não tem estudo, ela morava na roça, teve filho cedo, com 16 anos, com outro homem. Aí ela teve que se virar sozinha, foi posta para fora de casa. Agora ela é pastora".

- "Eles se separaram porque ela descobriu que ele tinha arranjado outra mulher. Ele é casado com uma mulher que já está bem velha, mas ele não se separou dela não, ele largou ela e foi morar com minha mãe, teve 2 filhas. Mas agora ele não tem ninguém".

- Com os irmãos, diz que o relacionamento é normal: "eles me adoram, vai ser a primeira neta da minha mãe. Eles vem todos para cá, de Nilópolis para cá".

3) Vida Social: - "Não estudo, parei agora na 6ª série por causa da gravidez. A minha barriga está muito grande e eu fiquei com vergonha, mais tarde eu vou estudar. O pessoal do colégio falava que era normal, mas mesmo assim eu sentia vergonha e parei de ir. Depois vou estudar de noite".

- Não trabalha.

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - "Eu já morava junto com ele, mas eu não tomava remédio, aí já estava mais de 1 ano e aí eu peguei. Eu pensava que não pegava, porque já tinha 1 ano que eu transava e não engravidava. Aí nunca tomei os remédios, pensei que não pegasse filho".

- "Fiquei moça com 12 anos. Não sabia A minha avó ficou gritando comigo: menina sai daqui, isso não é para mostrar para todo mundo não. Olha se você for ter namorado, não sei o que, vai pegar filho. Mas, gritando. Ai depois minha prima foi e me contou esse negócio de usar modess. A minha mãe soube depois, mas não me falou nada. E eu não perguntei porque era bem tímida. Aprendi mais coisas quando cheguei aqui. Eu era bem bobinha sabe, aprendi com as meninas daqui. Lá não pensava nada disso. Aqui é que as meninas da rua falam sobre sexo, menstruação, os namorados delas. Lá eu era inocente, não tinha, maldade nenhuma. Os meninos brincavam com a gente. Tem gente que acha que lá é ruim, mas eu não acho. Para educação, criar filho assim, lá é muito melhor do que aqui. Aqui o pessoal tem mais maldade, vive chingando, briga, e lá não, lá é mais calmo. Pode deixar o menino na rua, não tem tiro".

- Iniciou a sua vida sexual com 14 anos: "ele ficava me enrolando, dizia que não ia fazer, ai depois é que ele me disse. Eu cheguei em casa cheia de sangue (você não sabia que estava transando?) não, ele falava que ia botar só nas minhas pernas, mas ai só depois que ele falou, ai eu até chorei quando cheguei em casa. Mas ai fomos de novo ai ficamos uns 4 meses e o meu pai descobriu e tivemos que morar juntos (mas você não sabia como era transar?) não, eu ficava toda tímida. Até com ele, quando ele tirava a minha roupa eu fechava os olhos, porque eu nunca tinha olhado para ele assim sem roupa. Depois que eu fui conversar com meninas mais velhas, que já tinha filho e tudo, ai que elas me ensinaram tudo. Para tomar cuidado para não pegar filho. Eu não sabia nada disso".

- "Atualmente fica mais difícil transar, tem algumas posições só, mas a gente faz".

- Reação frente a gravidez: "(riu um pouco) ah, fiquei nervosa, ai eu fui falar com ele, ele quis tirar no começo, eu disse que não ia tirar. Ai já estava com 6 meses não podia tirar. Ai fui falar com meu pai, ai depois ele quis ter o neném".

- "Eu não quis, ele é que queria abortar".

- Não tomou nenhuma precaução com a AIDS.

- Reação do pai: "não falou nada, se eu quisesse ter que tinha, se quisesse tirar tirava mas nunca mais olhava para ele. Ai deixei e ele se conformaram".

- "Os meus irmãos adoraram. A minha mãe está contente porque é o primeiro neto".

- Familiares: "estou bem distante deles".

- "Vizinhos e amigos não falaram nada".

- "Família dele ninguém se mete não, só as pessoas na rua que as vezes que me perguntam quantos anos eu tenho, tão nova. Mas o pessoal que eu conheço não fala muito não".

- O que espera do filho: "que ele seja bem educado, essas coisas. Que tenha melhor educação que eu tive".

- "O que ele representa: a pessoa que eu mais amo no mundo agora está aqui dentro, é uma coisa boa, assim, sabe, quando ele mexe assim. Tô louca para ele nascer, ver logo o neném".

- Planos para ele: "por enquanto não".

- É ela quem vai criá-lo.

- Como está se sentindo diante do filho que vem: "ah, eu estou me sentindo assim uma criança, porque eu sou muito nova aí eu já tenho assim planos, de sair assim, aí com o bebê eu fico me achando esquisita, novinha na rua com o bebê no colo. Aí eu acho meio esquisito. Mas é bom. Eu fico pensando na hora de nascer se vai doer muito. Mas é bom."

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - Não tem conhecimento sobre contraceptivos.

- Quem informou foram as amigas: "eu achava que não pegava. A minha cunhada falava. Eu brigava muito com ele, aí ela me falava que se eu saísse com outra pessoa para tomar cuidado, porque tem muita gente de risco lá, com AIDS, essas coisas. Só que eu nunca saí com ninguém não, só com ele. (mas você nunca quis usar nada?) não, porque uma vez eu tomei um e fiquei passando mal. Aí nunca mais tomei. Quando eu já fui ao ginecologista eu já estava grávida. Tomei o que a minha irmã tomava".

- "Só conversei sobre sexo depois que eu me perdi, antes não conversava nada".

- "No colégio tinha aula de educação sexual: era boa, ela ensinava a usar tabela, achava importante".

- "A pessoa mais indicada para falar sobre sexo com os jovens são as mães, porque tem muitas mães que não conversam. Por exemplo assim, no Norte, as meninas ficam menstruadas e ficam apavoradas porque as mães não explicam, pensam que estão machucadas tem muitas delas que vem para cá e os caras enrolam e ficam grávidas e tudo, então as mães tem que conversar".

- "Acho que a jovem deve se preocupar em usar algum método para não pegar gravidez e por causa da AIDS".

- "Pergunto as coisas para a médica e ela fala".

- Procurou o pré-natal com 2 meses: "acho importante para cuidar do neném".

6) Projetos de Vida: - Planos para depois do nascimento do filho: "só penso em ficar com ele só. Por enquanto. Depois que ele crescer mais com 3 anos, assim, estiver na escola. Quando tiver maior de idade botar para estudar. Eu parei de estudar, mas quero voltar. E quero que ele estude também".

- Para o futuro: "por enquanto não, eu não sei o que pode acontecer né".

- "Não queria criar o neném aqui, queria ir para Niterói, porque lá é melhor".

15ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 16 anos, solteira, mora em casa em Ipanema; 7º mês, renda é de mais de 3 salários mínimos, pai, mãe e 3 irmãos trabalham, pai estudou até a 8ª série, a mãe tem 2º grau completo e os irmãos tem o ginásio.

2) Vida Familiar: - Mora com os pais e 3 irmãos.

- Relacionamento com o pai: "normal, é bom, mas eu converso

mais com a minha mãe, qualquer pergunta ela responde".

- "Com os meus irmãos é normal, nós brigamos mas nos entendemos".

- "Não sei quando os meus pais se casaram, a minha mãe engravidou depois. Os dois se relacionam normal, é bom".

3) Vida Social: - Não estuda, estava na 7ª série do 1º grau. "Parei ano passado em função da gravidez mas vou voltar depois. A diretora deixou continuar, mas eu não conseguia estudar porque sentia muito enjôo".

- Não trabalha.

- "Tenho amigos, saía muito".

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - "Fiquei moça com 11 anos, já sabia, as amigas falaram. Mas eu mostrei para minha mãe e ela disse que era normal, mas não me explicou nada porque eu era muito nova. Ela falou que não podia namorar, se não ia ficar grávida, essas meninas de hoje em dia né. Explicou como usar o modess. Sobre sexo não falou. Se eu perguntasse ela respondia, mas não sentava comigo para falar".

- Começou a namorar com 12 anos.

- Teve a primeira experiência sexual com 14 anos, "foi com o atual namorado, sei lá, foi no momento né, não sei explicar não, eu quis; foi bom".

- "Contei para a minha mãe, e ela depois contou para ele. Ela só mandou eu tomar cuidado para não pegar gravidez, mas eu só peguei depois de 2 anos. Ela me levou ao ginecologista, aí eu parei com tudo. Eu quis engravidar. Eu sempre quis ter um filho, não sei porque. Apesar de eu ser muito nova né, mas eu quis experimentar, aí eu parei aí o próximo, Deus me livre de ter outro né, aí eu vou tomar remédio. Outro não dá, porque está difícil, quanto mais 2 ou 3".

- A sua reação sobre a gravidez: "eu fiquei feliz, eu já queria ter pego um tempão depois, muito tempo depois que eu peguei, 6 meses depois".

- Não pensou em abortar.

- Não pensou na AIDS.

- "Ele também queria ter um filho. Nós dois queríamos".

- Reação da sua família: "não falaram nada, não brigou comigo não".

- "Família dele também não falaram nada".

- Irmãos: "ah, como eu sou a mais nova, eles acharam ruim, mas como minha mãe não falou nada, eles não falaram mais. Eles reclamaram mais do que os meus pais".

- Vizinhos e amigos: "normal, não falaram nada"

- O que espera do seu filho: "espero que ele nasça com saúde apesar de ele estar com problema, mas vamos ver".

- O que ele representa: "muita coisa, sei lá, não sei explicar não, me sinto feliz, não sei explicar não. Estou chateada com essa doença dele".

- Planos para ele: "ainda não tenho".

- É ela quem vai criá-lo.

- Como se sente diante do filho que ai nascer: "me sentindo bem".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - Tem informação sexual, pois foi com a mãe ao ginecologista quando começou a sua vida sexual.

- Conversa sobre sexo com o namorado.

- Não teve aula de educação sexual no colégio.

- "A pessoa mais indicada para falar sobre sexo com os jovens é o médico, ele sabe mais. As mães também sabem mais do que as pessoas da rua, são mais experientes, é melhor".

- "Acho que a jovem deve se preocupar em usar contraceptivos antes de transar, para evitar né, tem garota que não liga para tomar remédio aí acaba pegando e aí faz um aborto, até morre por causa disso, é isso".

- Se sente a vontade para pedir informação sexual com o médico. - Procurou o pré-natal com 2 meses, "acho importante para ver se o bebê está bem".

6) Projetos de Vida: - "Depois que o filho nascer pretendo trabalhar".

- Para o futuro: "ele já comprou um apartamento e quando ficar pronto vamos nos juntar".

16ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 14 anos; juntada; mora na favela em Campo Grande; está no 7º mês; renda é de 2 s.m.; marido é quem trabalha, ele estudou até a 1ª série do 2º grau.

2) Vida Familiar: - "Antes de me juntar morava com os meus pais, sou filha única. Não sei a escolaridade deles, a minha mãe sabe ler e escrever".

- Relacionamento com o pai: "é mais ou menos, eu me dou melhor com a minha mãe, é super ótimo. O meu pai é muito ignorante, não dá para conversar com ele direito".

- Sobre os pais: "eles dois não se dão muito bem não, sabe. Ele é muito ignorante. A mãe casou com 27 anos, engravidou depois".

3) Vida Social:

- Não estuda, parou na 8ª série: "parei porque fiquei grávida. Era meio estranho, só eu grávida lá, aí eu quis parar. Não souberam lá, porque eu parei logo que eu soube".

- Não trabalha.

- "Tenho amigos, me dou bem com alguns".

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - "Fiquei moça com 10 anos. A minha mãe me explicou, mas desde antes já tinha explicado. Conversam sobre sexo, ela explica, fala direito".

- Começou a namorar com 11 anos.

- Iniciou a sua vida sexual com 14 anos: "tem pouco tempo, foi com o meu namorado. É o meu primeiro namorado, estou com ele desde os 11 anos. Ele pedia todo dia, falava, chamava, aí agora eu dei para ele".

- A sua vida sexual atualmente é normal.

- Não contou aos pais: "olha, eu briguei com o meu pai porque ele queria noivar comigo e o meu pai não deixou. Aí eu fui para a casa dele, dormi 3 noites lá e foi aí que começou, aí fiquei logo lá de uma vez".
- "É a primeira gravidez".
- Engravidou 1 mês depois que iniciou a sua vida sexual. "Me ensinaram a tabela, a minha mãe. Eu conversei com ela e comecei a fazer. Ela já sabia porque eu tinha dormido na casa dele. Ela foi, explicou, disse para fazer a tabela, depois procurar um ginecologista, conversar com ele, perguntar o anticoncepcional para tomar. Mas eu estava fazendo a tabela e descobri que já estava grávida".
- Sua reação frente a gravidez: "eu gostei sabe, sempre gostei de criança, não fiquei triste não. Eu procurei logo o médico aí deu positivo o exame, eu gostei. Ele também gostou".
- Reação dos pais: "minha mãe reagiu bem, o meu pai não, ele ficou sem falar comigo, agora que ele voltou a falar comigo. O meu pai não queria que eu namorasse com ele porque ele é bem mais velho, tem 27 anos".
- "A família dele reagiu bem".
- "Vizinho já viu né, começaram a falar, você é nova".
- Aborto: "não, minha mãe que quis mas depois acabou aceitando".
- Não tomou precaução com a AIDS.
- "Espero que ele nasça logo, sei lá. Sabe, eu sou sozinha, o meu marido vai trabalhar, eu fico sozinha".
- "Representa, sei lá. Eu gosto assim dele, quero que nasça logo, é meu filho né".
- "Sou eu quem vai criá-lo".
- Como se sente diante do filho que vem: "eu gosto, eu vou cuidar direito, da minha maneira, estou gostando da idéia de ter um filho mas eu acho que é muito cedo".

5) Dados de Informação e Educação Sexual:

- Tem conhecimento sobre métodos para evitar a gravidez.
- "Sabia que poderia engravidar se não usasse nenhum método. Mas não usei nenhum método, não sei porque, foi de repente, eu não esperava nada".
- "Converso sobre sexo com a minha mãe".
- No colégio tinha aula de educação sexual: "quando eu estudava não dava para entender não, era meio enrolado".
- "A pessoa mais indicada para falar sobre sexo é a mãe, pais, estão dentro de casa, tem experiência sobre aquilo né".
- "Acho que a jovem deve se preocupar em usar algum método antes de transar para se prevenir, as vezes não tem sorte de ter uma pessoa, aí tem que trabalhar ou tem que dar o filho para os outros criarem, alguma coisa assim".
- Não se sente a vontade para pedir informação sexual para o médico: "não sei fico envergonhada".
- Procurou o pré-natal com 2 meses e meio, "acho importante, para prevenir alguma coisa".

6) Projetos de Vida: - "não tenho planos para o meu futuro".

- "Nós que vamos criar. Inclusive a minha mãe pediu para ela

né, porque eu estou muito nova né, não saberia cuidar. Mas eu falei que não".

17ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 16 anos, solteira, mora numa casa no Catete; "pelas minhas contas estou no 4º mês e pelos médicos no 3º mês"; renda é de 1 a 2 salários mínimos, pai tem o 1º grau completo.

2) Vida Familiar: - Mora com os pais e 3 irmãos.

- Relacionamento com os pais: "sou super aberta com a minha mãe, a gente conversa muito, mais com a minha mãe do que com o meu pai. Pergunto tudo e ela vai e fala. Desde pequenininha foi assim, e fui sempre agarrada com ela".

- Com o pai: "é fechado, eu tenho vergonha de perguntar as coisas, ele quase não fala sabe. Tipo assim fechado, não tem como conversar com ele. Converso de outras coisas, esse negócio de namoro, essas coisas eu nunca perguntei nada à ele não, só para a minha mãe".

- "Com os meus irmãos é bom".

- Relacionamento dos pais: "eles não se casaram, ela tinha 17 e ele 18 anos. Eles se juntaram e estão até hoje. Ela engravidou depois. O relacionamento deles é de marido e de mulher mesmo, mas ela é mais agarrada com os filhos do que com ele. Ele as vezes fica com ciúmes assim, mas minha mãe nem liga. Porque ele trabalha e quase não tem tempo para conversar com ela; é mais com os filhos, não é aquele amor que ele tem por ela, mas isso é por causa do trabalho, que ele viaja muito, ela fica mais com os filhos, então é por isso que ela não tem aquele apego com ele, aquele agarramento com ele mas eles se dão bem, as vezes eu fico com ciúmes, mas é pai, a gente não deve ficar com ciúmes. Quando ele chega de viagem ela fica mais com ele, aí eu fico com ciúme porque sou mais agarrada com ela".

3) Vida Social: - "Estudava, parei porque estava grávida na 4ª série do primeiro grau, aí resolvi parar de estudar; o colégio soube mas não disse nada".

- Não trabalha.

- "Tenho, amigo eu não posso dizer que eu tenho, só colegas. Amigo só minha mãe mesmo. Converso muito com eles, não tenho convivência não, amizade é assim. Vizinhos, converso mais ou menos".

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - "Fiquei moça com 11 anos minha mãe me explicou desde que eu tinha 8 anos. Ela sempre conversou comigo sobre sexo ela falava que sexo tinha que tomar remédio, que era para falar com ela, para ir no ginecologista, para passar remédio para mim, para mim tomar, essas coisas que mãe sempre fala. Tem algumas que não falam né, mas para mim ela sempre falou, tanto para mim quanto para minhas 2 outras irmãs. Nunca escondeu nada, até para o meu irmão".

- "Comecei a namorar com 13 anos e transei com 15 anos: deu vontade, as minhas colegas falavam; eu não fui pela cabeça delas, me deu vontade mesmo. Ele não me forçou, e aconteceu né".
- "Continuo com ele mas ele não mora comigo, ele mora em Niterói, de vez em quando é que eu vou lá falar com ele, mas fazer relação lá eu não faço, é muito difícil".
- "Não transo atualmente porque eu moro aqui e ele lá, e eu não tenho mais essa vontade, ele é que tem. Depois que fiquei grávida não tenho mais vontade não".
- "Contei para minha mãe, expliquei, achei melhor eu falar do que outra pessoa falar. Ela me levou ao ginecologista, comecei a tomar o remédio, aí depois parei. Aí comecei a fazer relação de novo e aí peguei essa gravidez".
- "É a primeira gravidez".
- Sua reação frente a gravidez: "tinha hora que eu ficava contente, tinha hora que dava vontade de tirar, entendeu. Tinha muita gente dizendo não tira porque a criança vem ao mundo porque quer né, Deus acha errado você chegar na hora e tirar. Porque a minha mãe chegou a me levar numa clínica para tirar, aí eu disse para ela que não queria, que o meu namorado também não queria. Aí a minha mãe pediu o dinheiro para ele para tirar; ele não quis dar o dinheiro. Aí de vez em quando eu ficava alegre, as vezes triste, entendeu, porque eu sou muito nova, mas agora esqueci já. Agora, eu vou ter o meu filho. Trabalhar, começar a trabalhar por enquanto só isso".
- "Pensei em abordar mas resolvi ter o filho".
- Não se preocupou com a AIDS.
- Reação do namorado: "ih, quase chorou, queria por que queria, ih, que a minha casa era pequena, que ia botar uma casa para nós dois. Não vai faltar nada para vocês dois. Quando eu falei que a minha mãe queria que eu tirasse e eu também ele quase chorou. Que não queria que tirasse, ele tem 17 anos".
- Reação do pai: "ele parou de falar comigo, até hoje ele não fala comigo. Falou que eu estava errada, quando ele quer alguma coisa assim, primeiro ele fala com minha mãe e depois minha mãe me fala. Minha mãe diz que ele não quer ser avó, mas eu nem ligo".
- Mãe: "ela ficou meio triste, mas agora está mais alegre; ela queria que eu abortasse, porque eu era muito nova, mas como o homem disse para ela que não podia mais porque já estava com 3 meses, aí ela desistiu. O homem da clínica".
- Família dele: "eu não falava com a mãe dele, aí voltei a falar e ela está me dando o maior apoio".
- "A minha família não disse para casarmos, mas falaram que ele tinha que assumir e montar uma casa para mim".
- Irmãos: "normal".
- Amigos: "me deram o maior apoio, que ia ajudar se precisasse de alguma coisa".
- "O que o filho representa, puxá é meu filho, eu nunca tive, sempre quis ter um filho; quando ele crescer eu quero passar o que eu não tive, não tive não, eu já tive muita coisa da minha mãe, mas passar mais, eu quero que ele tenha mais liberdade

que eu não tive, só isso só".

- "Ele representa muita coisa, eu não tenho nem como explicar, ele representa muita coisa, ah, não sei o que".

- Planos para ele: "assim na hora não".

- "Eu e o pai vamos cuidar dele".

- Como se sente diante do filho: "estou me sentindo super bem, antes era uma criança, era boba, agora não, eu sei das coisas que vai acontecer, entendeu, é assim, se tiver filho o que eu vou fazer, penso em trabalhar, penso no futuro, ter o meu filho, mas nada, só isso que eu penso".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - Conhecimento sobre métodos: "pela minha mãe e pelo ginecologista, tomava remédio depois na segunda vez, com outro namorado não usei, nem pensei nisso; mas sabia que poderia engravidar".

- "No colégio tinha aula de educação sexual, me ajudou muito, falava sobre aids, doenças, como evitar. O professor era legal".

- "A pessoa indicada para falar sobre sexo com os jovens são as mães, porque elas sabem mais as coisas, porque a minha mãe foi mais aberta comigo do que o professor e o ginecologista. Tem coisas que aprendi mais com ela do que com eles".

- "Acho que a jovem deve se preocupar em se cuidar antes de transar, gente nova como eu, acho que deve tomar sim, eu não digo eu, porque eu peguei por pegar mesmo, falta de aviso não foi. Tem muita gente, não sei se você está me entendendo, que pega filho por pegar, para prender homem, entendeu, eu acho que filho para prender homem não resolve nada. Eu acho que deve ir ao ginecologista, pedir orientação para mãe, se não tiver assim esse apego que eu tinha com minha mãe e que tenho até hoje, pergunta para uma pessoa mais velha, aí não tem esse perigo de pegar gravidez".

- "Não se sentia a vontade para falar com o médico, só perguntava mesmo porque tinha que perguntar, ele tinha paciência comigo".

- Procurou o pré-natal com 2 meses: "acho importante porque já sei o que está se passando, se está com algum problema".

7) Projetos de Vida:

- Planos para após o nascimento do filho: "trabalhar, quando ele tiver com idade assim, botar no colégio, dar as coisas para ele, e vai indo".

- Planos futuros: "minha liberdade já foi né, mas eu não ligo disso, mas eu nunca me incomodei de sair mesmo. Para mim eu nem ligo para esse negócio de liberdade, eu quase não saía, era presa dentro de casa".

- Planos com o namorado: "morar juntos".

18ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 17 anos; casada; mora em Bonsucesso; "pelas minhas contas estou com 9 meses"; mora só com o marido, ele faz biscates, renda é 1 salário mínimo, ele estudou até a 6ª série do 1º grau.

2) Vida Familiar: - Antes de casar morava com a tia: "meu pai não mora aqui e eu não fui criada pela minha mãe, minha avó que me criou. Aí minha avó morreu e fiquei morando com minha tia. Não sei porque a mãe não me criou, quando nasci ela me deixou com a minha avó. A minha mãe não foi casada com o meu pai, ele a registrou mas ela não a criou, eu fiquei com a minha avó. A minha mãe me teve com 16 anos. Não mantenho relacionamento com o meu pai. Com a minha mãe sim, é bom, não foi ela quem me criou, então eu não considero ela minha mãe sabe. Eu tinha mais a minha avó como mãe, porque foi ela quem me criou".

- "Tenho só um irmão ele é mais velho do que eu; ele tem 18 anos, é bom, e a gente se dá bem".

3) Vida Social: - Não estuda, parou na 5ª série: "fiquei com vergonha de ir para a escola depois que engravidei, eles não falaram nada, mas eu quis sair da escola".

- Não trabalha.

- "Converso com vizinhos e colegas".

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - "Fiquei moça com 13 anos, minha avó me explicou, mas quando eu fiquei moça a minha avó morreu e a minha tia que me explicou. Diz que não conversa sobre sexo com a tia por vergonha".

- "Eu me perdi com 14 anos, não sei nem te explicar, ah, ele pediu então eu fiz".

- Atualmente sua vida sexual é normal.

- "A minha avó já tinha morrido, eu contei para a minha tia. Ela conversou comigo, não falou nada não. Ela falou como é que é, que eu tinha que tomar remédio. Eu tomei um remédio mas depois não tomei não. Ah, porque não gostei, me sentia mal. Um negócio estranho. Minha tia que me deu remédio. Quando eu vim aqui para passar o remédio eu não estava grávida, mas quando eu fui tomar já estava, aí não tomei".

- "Com 15 anos fiquei grávida, mas eu perdi, foi dele também. Esta é a segunda gravidez".

- Sua reação frente a gravidez: "fiquei feliz porque eu queria Ah, sei lá, todo mundo fica olhando assim quando a gente é mãe Me deu vontade também de ser mãe".

- "Ele também ficou feliz".

- "Não quis abortar eu queria ter ele".

- "Não me preocupei com a AIDS".

- Reação da sua tia: "normal. Mãe: normal, o meu pai não sabe, porque eu não tenho contato com ele".

- "Família dele foi normal".

- "Vizinhos e amigos foi normal".

- "Eu penso de ter uma menina, porque gosto mais de menina. Menina ajuda mais a mãe".

- "Ele significa muito! Eu fiquei cheia de medo quando fui no médico, dele estar morto".

- Planos para ele: "ainda não".

- "Eu e meu marido vamos criá-lo".

- como se sente diante do filho que vem: "ah, feliz".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - Tem conhecimento sobre contraceptivos, conhece remédio, DIU, injeção.
- "Quando eu vinha no ginecologista, eu ouvia as pessoas falar. Mas eu não conversava com o médico sobre isso Minha tia também tomava remédio, mas ela me explicava eu converso com ela sobre sexo".
- "Eu converso sobre sexo com o meu marido".
- "No colégio não tinha aula de educação sexual, só teve uma vez".
- Quem é a pessoa indicada para falar sobre sexo com o jovem: "sei lá, eu converso com a minha tia, com a minha mãe fico sem graça".
- "Não acho que a jovem deve se preocupar em usar algum método antes de transar".
- "Procurei o pré-natal com 3 meses; eu acho importante, porque a gente fica sabendo o que está se passando".

6) Projetos de Vida: - Planos para após o nascimento dele: "trabalhar, cuidar dele. Porque eu não trabalho. Ai quando ele tiver com 4 meses eu vou começar a trabalhar e deixar ele com minha tia, tomando conta". - Sobre o futuro: "o que eu penso é que quando ele nascer eu vou trabalhar".

19ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 15 anos, solteira, Rocinha, 8º mês, 5 salários mínimos; "meu pai trabalha, acho que ele fez o 1º grau".

2) Vida Familiar: - Mora com os pais e 2 irmãs.
- Relacionamento com os pais: "tudo bem, eles aceitaram, mas eu vou ficar lá só até quando meu marido faz a casa".
- pai: "a gente conversa é bom o relacionamento".
- mãe: "também a mesma coisa, ela é mais aberta do que o meu pai".
irmãs: "super bom também".
- Sobre os pais: "eles são casados há 16 anos e nunca brigaram. É muito bom o relacionamento. Minha mãe se casou com 26 anos, pegou gravidez 1 mês depois, meu pai tinha 30 anos.

3) Vida Social: - "Estou na 1ª série do 2º grau. Vou continuar estudando. A diretora disse que quando eu ganhasse que era para levar uma declaração para ficar alguns dias em casa. Ninguém falou nada. Na minha sala também tem uma pessoa com 2 meses".

- Não trabalha.
- "Tenho amigos mas não saio muito não".

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - "Fiquei moça com 11 anos. Soube pelas minhas primas, a minha mãe me explicou também. A gente fala sobre sexo depois da gravidez, antes não falava".

- "Comecei a namorar com 13 anos, me perdi com 14 anos, foi

com o meu primeiro namorado".

- A sua vida sexual continua normal.

- "Não contei que me perdi, fiquei com medo deles brigarem, não contei para ninguém".

- "Engravidei 6 meses depois que comecei a transar. Esta é a 1ª gravidez".

- "Eu não queria mas veio e não quis tirar. Eu estava muito nova, tinha que terminar os estudos. Eu pensei que no colégio que eu estava não podia, aí eu soube que podia. Aí eu peguei e comecei a gostar mais de estar grávida".

- "Não quis abortar".

- Não se preocupou com a AIDS.

- O namorado "adorou".

- Sua família: "alguns falaram que eu estava nova, que tinha feito besteira, mas outros aceitaram. Os pais aceitaram só acharam que eu engravidei muito nova".

- "Família dele também aceitou".

- Vizinhos e amigos: "todo mundo aceitou".

- "Espero que ele nasça com muita saúde".

- "Ele representa tudo".

- Planos para o filho: "tenho, quero dar o melhor para ele".

- "Eu e meu namorado vamos criá-lo".

- Como se sente diante do filho que vem: "super bem".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - "Tenho conhecimento sobre pílula, camisinha, o tal do DIU, só".

- "Não usei nenhum método; sabia que poderia engravidar. Fiquei com medo do remédio também, de eu esquecer algum dia. Aí fiquei tentando".

- Conversa sobre sexo com o marido.

- "Pessoa indicada para falar de sexo com os jovens são os pais. Porque estão mais próximos".

- "Acho que a jovem deve se preocupar em usar algum método antes de transar, só se ela não quiser engravidar".

- "Eu fico meio envergonhada de pedir informação sexual para o médico, mas as vezes eu pergunto".

- "procurei o pré-natal com 5 meses; acho importante o atendimento porque vê se dá algum problema com o neném e dá chance de resolver".

6) Projetos de Vida: - Planos para após o nascimento dele: "cuidar só dele".

20ª entrevista:

1) Dados Pessoais: - 16 anos, juntada, mora em Manguinhos num barraco, está com 9 meses, o marido ganha 1 salário mínimo, o marido estudou até a 5ª série do 1º grau.

2) Vida Familiar: - Morava com o pai e 3 irmãs. Pais são separados, "eu tinha 13 anos. É chato né, porque a minha mãe ainda gostava dele, aí ela chorava, aí meu pai botou outra

mulher dentro de casa. Por isso mesmo que eu saí de casa, por causa da minha madrasta. Até hoje a gente não se dá muito bem".

- Relação dos pais: "ah, legal, eles eram difícil de brigar. Foi uma surpresa a separação. Eles brigavam assim mas nunca se separaram. Era uma discussão, mas era ali mesmo. Mas nesse dia não, foi uma briga feia. A minha mãe até hoje gosta dele sabe. Mas um fica fazendo jogo duro para o outro, mas não volta mais não, acho que não, porque a minha mãe já está com outro homem".

- "A madrasta é muito implicante, ela sempre inventava coisa, falava com o meu pai, nunca bateu na gente não. Eu já tinha meu namorado, aí ela ficava de implicância. Aí ele falou: eu arrumo um lugarzinho a gente fica, deixa ela para lá".

- "Eu fui morar com ele quando eu estava grávida do meu primeiro filho, que eu perdi com 14 anos. Eu estava com 2 meses".

- Relacionamento com o pai: "super bem, meu pai gosta muito de mim, todos os meus problemas eu conto para ele, é jogo aberto, eu não escondo nada para ele não".

- mãe: "também é bom, não mudou nada não, eu só não moro mais com ele. Ele me dá as coisas, eu sou de menor, entendeu. Toda semana ele me dá as coisas. Se eu precisar ele me dá, ele e minha mãe me ajudam".

- "Meu pai estudou até a 8ª série".

- Com as irmãs: "me dou lógico, e somos super amigas. A família toda, é difícil uma discussão. Só parou assim, eu não vou mais para baile porque o meu marido é muito ciumento, mesmo com barriga".

- "Minha mãe casou com 14 anos, estava grávida".

3) Vida Social: - Não estuda, parou na 5ª série do 1º grau. "Saí porque quis. Com 13 anos eu já trabalhava, aí eu parei o estudo".

- Não trabalha.

- Amigos e vizinhos: "é bom, eles fazem coisas quando eu estou com desejo, me explicam sobre gravidez".

4) Atividade Sexual e Episódio da Gravidez: - "Fiquei moça com 12 anos. Eu não sabia nada não. Eu fiquei boba, porque eu era doida para ter isso. Aí eu falei com meu pai, porque eu sou muito aberta com meu pai. Aí meu pai conversou comigo sabe. Ficou falando que eu não podia namorar garoto, aí ficou falando várias coisas para mim. Aí eu fui falei com minha mãe também, e ela falou para eu ter cuidado, para não engravidar, para não ficar namorando garoto, para mim não me iludir, porque agora eu pego gravidez rápido (e ela te disse o que fazer para não engravidar?) não, eu nunca tive essas conversas com minha mãe, porque eu tinha vergonha de perguntar para ela. Porque minha mãe é muito implicante. As vezes ela via a gente namorar, porque ela não gostava, nem ela, nem o meu pai. Aí eu não falava nada, porque se falasse ela ia dizer porque, você já está doida para dar. Eu conversava com minhas colegas mais velhas de 18 anos. Mas quando eu me perdi, eu nem tomei remédio para evitar, nem nada".

- "Não converso sobre sexo com a minha mãe porque tenho vergonha e ela também não fala. Ela é muito séria. Nem com minhas irmãs mais velhas ela fala".
- "Falo sobre sexo com minha sogra, minhas tias, minhas primas, mãe não".
- "Comecei a namorar com 13 anos e me perdi com 14 anos, foi com o atual namorado: eu fiquei namorando, ele passou a mão, aí foi bom, aí quando fui ver já estava lá na cama, aí aconteceu. A gente já falava sobre isso, e eu dizia não, depois você vai me abandonar, ele dizia que não. Até que um dia aconteceu".
- "Quando aconteceu, eu queria falar com meu pai, mas aí fiquei com vergonha e ele falou com meu pai. Meu pai é assim mas compreende as coisas. Aí meu pai disse: agora vocês arranjam um lugarzinho, eu ajudo. Ele falou que a gente tinha se perdido, meu pai que deu a idéia de ir morar junto. A gente achou legal, porque quando eu fui morar com ele já estava grávida, a casa ia ficar cheia".
- "Eu transei e engravidei, foi rapidinho".
- A primeira gravidez foi com 14 anos, "eu perdi o neném com 3 meses, agora engravidei de novo com 16 anos".
- "Achei legal, eu era muito criança, mas eu adorava criança. Eu era doida para ter filho, assim rápido, casar rápido. Aí quando soube que eu estava grávida fiquei toda boba. Mas era muito criança quando perdi o neném, eu era muito criança, o que eu estava falando mesmo, ah, eu era muito criança, mas eu gostava, mas depois eu perdi. Foi aí que eu pensei muitas coisas. Foi até bom porque eu era muito criança, não sabia cuidar de neném ainda. Foi aí que eu botei a minha cabeça no lugar. Aí eu fui e peguei essa gravidez".
- "Com essa gravidez eu fiquei toda boba, eu e ele porque a gente era doido para ter filho".
- Não pensou em abortar.
- Não se preocupou com a AIDS.
- "Todos gostaram ,eu morava com ele, fiquei um ano sem engravidar. Aí todos falavam, não vai vir um neném não, todas as minhas colegas tendo um filho, só eu que não. Aí aconteceu, toda família ficou bem. Aí quando minha irmã gêmea teve neném agora, aí falavam: agora só falta você. Agora, engravidei, todo mundo me apoia, me ajuda, vou levando". (porque você quis ter um filho?) é porque agente casada com uma pessoa, um filho muda muita coisa na vida de um casal. O meu marido falava, puxa, a gente não tem um filho. Ele sempre falava nisso para mim Eu sempre queria ter um filho. Eu não me arrependo não".
- Família dele: "todo mundo gosta".
- "Espero um bocado de coisa, tudo de bom, que ele tenha muita sorte na vida, porque eu fui uma pessoa que não tive muita sorte não".
- "Ele representa tudo de bom".
- Planos para ele: "não pensei nisso ainda não".
- "Sou eu quem vai criá-lo".
- Como se sente diante do filho que vem: "a mesma tem gente que sente diferente né eu não, estou me sentindo a mesma. Mas

não sei depois que eu ganhar. Me sinto um pouco mal, mais cansada, não é mais como antes, tudo muda, mudou".

5) Dados de Informação e Educação Sexual: - "nunca me interessei em saber sobre esses métodos".

- "Sabia que poderia engravidar, não usei porque eu queria um filho mesmo. Aí casei e nem tomei remédio. Porque eu achava legal ter um filho para eu cuidar e as minhas colegas todas tinham só eu que não tinha".

- "Quando eu ia para a 5ª série eu ia ter aula de educação sexual, foi quando meus pais se separaram e eu fiquei do lado da minha mãe e fui para Niterói, e não ia para escola".

- "A pessoa mais indicada para falar sobre sexo é uma pessoa experiente, mais velha do que eu. Tem uma velhinha perto de casa ela fala comigo mas põe maldade na minha cabeça. Tem que ser uma pessoa mais velha que entenda, a minha tia por exemplo, quando eu me perdi em vez de me dar conselho, me falou um monte de coisas. Uma outra que mora perto da minha casa é que me explicou".

- "Fico envergonhada de pedir informação sexual para o médico".

- "Acho que a jovem deve se preocupar em usar algum método, eu vou tomar agora para não ter outro filho".

- Procurou o pré-natal com 1 mês, "acho importante".

6) Projetos de Vida: - Planos para após o nascimento do filho: "cuidar dele e me cuidar, porque tem muita mãe que depois de ter filho fica toda relaxada, não vai no médico. Eu não, eu vou me cuidar, cuidar do meu neném, e só".

IV.3 - Discussão dos Dados Obtidos

IV.3.a - Caracterização do perfil do grupo dessas adolescentes

As 20 (vinte) adolescentes grávidas entrevistadas tinham como idade média 16 anos, eram solteiras, com primeiro grau de escolaridade incompleto. A renda familiar média era de 1 (hum) salário mínimo. Metade das adolescentes residiam com os pais e irmãos e metade eram "juntadas" e residiam com os namorados em favelas na cidade do Rio de Janeiro, na zona norte e na baixada fluminense, sendo que metade do grupo relatou que os pais são separados. Os pais, tinham primeiro grau incompleto, tendo sido constatado três casos de analfabetismo. No período em que foram realizadas as entrevistas a média das adolescentes não exercia nenhuma ocupação.

IV.3.b - Vida Familiar (estrutura e dinâmica)

As famílias das adolescentes entrevistadas apresentam uma organização particular que se caracteriza pelo fato de conviverem numa mesma casa um grande número de pessoas: os pais, os filhos, (em alguns casos filhos de uniões diferentes), os netos (filhos das adolescentes, em geral as irmãs também tem filhos) e o namorado que "se junta" com a jovem. Esta situação familiar se prende ao fato das precárias condições econômicas, visto que as jovens neste momento não tem condições financeiras para casar e ter a sua própria casa;

e à aspectos culturais que convivem com uma organização familiar onde ainda predomina uma vivência social compartilhada por vários agregados.

Observa-se uma média de 4 (quatro) filhos por família, fato este que se articula com a noção de filho como um bem, um valor, para essa classe social. O desejo de ter o filho repararia a carência narcísica dos próprios pais, os quais moram na favela, são mal remunerados no trabalho e não tem condições econômicas para terem um melhor nível de vida.

Constata-se, assim, a repetição da maternidade na adolescência, fato este verificável nas histórias dessas famílias, onde a mãe, as irmãs e as colegas também tiveram filhos na adolescência.

Quanto a dinâmica familiar, percebe-se que a relação mais intensa se estabelece com a mãe, expressa numa ambivalência de sentimentos, de ódio e de amor. Algumas adolescentes expressam claramente a raiva com relação à mãe e o carinho pelo pai, o que pode caracterizar a situação edípica, onde a jovem busca a sua completude narcísica inicialmente através das figuras parentais, sendo este desejo deslocado, posteriormente, para a maternidade na adolescência.

O diálogo ocorre mais frequentemente entre mãe e filha do que entre pai e filha, dada a identificação da adolescente com a mãe (figura feminina) e pelo fato da mãe ter sido o primeiro objeto de amor da menina.

Entretanto, observa-se também uma carência afetiva e a necessidade das adolescentes de terem um nível de diálogo mais satisfatório com sua mãe, principalmente no que se refere

à questão da sexualidade, onde tanto a adolescente quanto a sua mãe apresentam dificuldades pessoais para falar sobre esse assunto, como se negassem a existência da sexualidade juvenil.

Os pais incentivam as uniões das filhas com os seus namorados quando estas iniciam a sua atividade sexual, valorizando desde cedo o casamento.

Conforme foi demonstrado no segundo capítulo, esta organização familiar é determinada pelos aspectos sócio-econômicos, os quais particularizam esses arranjos familiares. No entanto, a sua dinâmica, ou seja, a função de formadora da subjetividade dos sujeitos, noção relacionada a vivência do Complexo de Édipo, esta é universal, presente em todos os arranjos familiares. Freud quando postulou o Édipo, o fez com base na organização familiar da sua época, a qual era formada pela tríade pai-mãe-filho. Entretanto, cabe ressaltar que esta tríade não se refere aos genitores, mas sim a função materna e paterna, as quais podem ser exercidas por qualquer pessoa que se coloque nesse lugar. Desta forma, observa-se que muitas dessas adolescentes foram criadas por avós ou tias; e no que tange a função paterna, esta aparece investida no seu grupo social, o qual funciona como o transmissor das leis e costumes sociais.

IV.3.c - Vida Social (escola, trabalho, lazer)

Todas as adolescentes entrevistadas freqüentavam escolas públicas, no entanto, a maior parte delas não estuda e não trabalha. O abandono dos estudos pode ser ocasionado,

tanto pela falta de estímulo dos pais no que se refere ao desenvolvimento educacional dos seus filhos , quanto pela maior valorização do trabalho, através do qual a adolescente poderia contribuir na renda familiar.

Observa-se que as adolescentes que abandonaram os estudos em função da gravidez, não o fizeram pela rejeição do colégio à essa situação, o qual, ao contrário, não se opõe a que a jovem continue os seus estudos. Mesmo porque existem outras alunas grávidas no colégio. Este fato ocorre em função de fatores psicológicos. A adolescente relata sentir vergonha da sua barriga, onde esta aparece como a "prova" da sua atividade sexual. Ao mesmo tempo, as jovens relatam que se desligaram do colégio para "curtir" a gravidez, pois ficavam pensando no filho e não se concentravam nos estudos.

A sexualidade emergente gera angústias e conflitos nestas jovens que se expressa por sentimentos ambivalentes de vergonha, no sentido de negar que exercem a sua sexualidade, e na satisfação pela gravidez, que expressa o seu desejo de ter o filho.

Nessa classe social se observa uma distinção entre colegas e amigas. Essas jovens relatam ter muitas colegas e poucas amigas, sendo que nesta categoria se inclui a sua irmã e a sua mãe.

No que tange a sua vida social , elas freqüentam "bailes" e conversam com os vizinhos e colegas. O fato de não concluírem a sua escolarização traz dificuldades para alcançarem a sua independência financeira e profissional.

IV.3.d - Atividade Sexual e Episódio da Gravidez

A menarca é vista como o ponto de demarcação entre ser menina e ser mulher. As adolescentes já têm conhecimento sobre a menstruação através de conversas com as colegas, leituras de revistas e pelas informações e dados do colégio. A explicação dada pelas mães enfatiza a preocupação com o sexo, como se fosse esperado após a menarca a ocorrência da gravidez. Entretanto, as mães não fornecem explicações sobre contraceptivos para as suas filhas.

Apesar da menstruação favorecer o diálogo sobre o sexo, as mães não abordam este tema com as jovens e estas demonstram sentir vergonha de conversar sobre sua sexualidade com a sua mãe. O início da atividade sexual não é relatado aos pais, visto que as adolescentes sentem-se envergonhadas; e mesmo quando engravidam só o dizem quando o seu corpo revela o estado da gravidez. Isto ocorre pela ausência de diálogo acerca da sua sexualidade e pela ansiedade gerada por essa nova experiência. A gravidez, por sua vez, aparece como a via que possibilita falar sobre sexo com a mãe, mas mesmo assim com restrições.

Essas jovens iniciam a sua atividade sexual logo após a menstruação e engravidam num curto período de tempo.

A curiosidade em testar o seu aparelho reprodutor é desencadeada pela atividade hormonal ocorrida neste período da vida, que leva ao ato sexual. A gravidez certifica para a adolescente que o seu corpo já está preparado para a concepção. A confirmação da sua capacidade procriativa

desencadeia um sentimento de surpresa (não esperavam a gravidez), onde ela pode constatar que não é mais menina e sim mulher. Pode-se dizer que essas adolescentes estabelecem uma equivalência onde exercer a sexualidade significa ter filho, o qual demarca a sua entrada na vida adulta.

Essa gravidez hormonal vai então se transformar para essas adolescentes numa gravidez simbólica, ou seja, numa maternidade precária. As jovens relatam que querem ter o filho pois gostam da criança, além do filho ser percebido como alguém que não vai abandoná-las. O aborto é rejeitado por essas adolescentes que afirmam ter decidido ter o filho. Além do aspecto religioso presente nesta questão, essa atitude aponta que o feto já é percebido como o seu filho, pelo sentimento de afeição com que ele é referido pelas jovens. O aborto é, geralmente, rejeitado porque elas "tem pena do neném".

O filho é, assim, o depositário de muitas expectativas: ele terá tudo o que elas não tiveram, estudo, carinho, proteção, e até uma família. O filho não é uma boneca ou brinquedo para as jovens, ele demanda responsabilidades. Através do filho essas jovens sentem-se mães e mulheres.

Inicialmente, a família da adolescente não reage favoravelmente à gravidez da sua filha, afirmando que ela é muito nova. Entretanto, após esse primeiro momento, elas aceitam este fato posicionando-se inclusive contra o aborto. A gravidez da jovem é vivida por toda a família, sendo o filho um traço de união entre eles.

A mãe da adolescente demonstra uma melhor aceitação dessa situação dizendo sentir-se alegre em ter um neto. É relevante notar que a maior expectativa da adolescente se refere a reação da mãe frente a sua gravidez. As jovens relatam que irão cuidar do filho juntamente com a sua mãe, sendo que algumas irão "dar o filho" para a mãe criar enquanto trabalham, onde o filho representa um presente da adolescente para a sua mãe. Algumas adolescentes relataram, inclusive, que iriam ter o filho em função do desejo da sua mãe de ter um neto. O neto se coloca para essas avós como a sua possibilidade de restauração narcísica.

Os vizinhos e os colegas enquanto representantes do seu grupo social não interferem nessa questão e apesar de precocidade da gravidez, dão apoio. Essa atitude se refere a função social da feminilidade nesta comunidade, onde ser mulher equivale a ser mãe.

Em suma, os dados obtidos nessa pesquisa apontam a existência de um grande sentimento de carência social e afetiva das adolescente com relação à sua família e ao seu meio social. Esse sentimento é um dos determinantes do desejo positivo de ter o filho, podendo-se inferir que o filho é o objeto privilegiado capaz de restaurar o seu narcisismo infantil abandonado, reparando a sua carência narcísica.

Evidentemente, ao lado dos fatores psicológicos, a impregnância cultural também é relevante, visto que para essas adolescentes o acesso à feminilidade e a vida adulta se expressa na valorização da maternidade, que possibilita o passe de menina para mãe-mulher.

IV.3.e - Dados de Informação e Educação Sexual

Todas as adolescentes entrevistadas afirmaram ter conhecimento de que exercer a atividade sexual sem o uso de contraceptivos poderia provocar uma gravidez. Entretanto, elas relataram que não fizeram uso desses métodos quando iniciaram a sua vida sexual. Este dado questiona o fato de que a gravidez na adolescência ocorreria em função da desinformação sexual, como afirma o enfoque médico tradicional. Algumas adolescentes consultaram ginecologistas levadas por suas mães, mas, mesmo nesses casos, elas optaram por não utilizar anticoncepcionais.

A fala das adolescentes para explicar o não-uso de contraceptivos confirma o seu desejo de ter um filho.

No que tange aos programas de educação sexual, as adolescentes se mostram interessadas na aquisição de informações acerca dessa questão, e relatam que em alguns colégios tiveram aulas sobre esse tema. No entanto, a maioria destas jovens afirmam que a educação sexual deveria iniciar-se em casa, com os pais, pois estes têm mais intimidade para falar sobre esse assunto com os filhos. Essa escolha reforça o desejo das adolescentes no estabelecimento de um maior nível de diálogo com os pais.

Algumas mães se isentam de falar sobre sexo com as filhas acreditando que desta forma não estimularão as jovens a exercerem a sua sexualidade, negando assim, a existência da sexualidade na adolescência.

Os professores e médicos também são apontados, apesar da adolescente relatar ter vergonha de falar sobre esse assunto com os médicos. Esse sentimento expressa a insegurança frente a sexualidade, o que é comum nesta fase do desenvolvimento humano.

As jovens demonstraram ter conhecimento da importância do exame pré-natal para o desenvolvimento saudável da gravidez. Todas as adolescentes procuraram esse atendimento no início da gravidez, fato que demonstra o interesse pelo bem-estar físico do seu filho e o cuidado dessas adolescentes ao serem mães.

IV.3.f - Projetos de Vida

Nenhuma das adolescentes entrevistadas tinha planos para o seu futuro. As suas perspectivas de vida se referiam a um futuro imediato, situado logo após a gravidez, onde as adolescentes relataram que pretendiam cuidar do seu filho e trabalhar para poder educá-lo. A isso soma-se o desejo de ter a sua própria casa, morar com o marido e o filho, o que contrasta com a sua realidade social e familiar. As adolescentes relatam que gostariam de ficar em casa cuidando do filho, sem exercer outro tipo de atividade.

A perspectiva de ascensão social via estudo e trabalho não faz parte do universo social destas jovens, que não têm planos mais amplos, por um lado, e concretos, por outro, de se habilitarem profissionalmente para ganharem sua independência econômica e poderem alcançar o que sonham ter na

vida.

O circunstancial, o acaso, a sorte, impera muito na construção desses projetos de vida, cultivando fantasias de terem atendidos seus desejos quase que de modo mágico.

CONCLUSÃO

"... Crescei e multiplicai-vos..."

Gênesis 1, 22

A partir da constatação da grande incidência de gravidez levada a termo em adolescentes de classes populares e da insuficiência dos referenciais teóricos explicativos, surgiu a necessidade de se investigar o significado da gravidez através do discurso dessas adolescentes sobre o seu estado e da influência dos fatores culturais e psicológicos.

Ao analisar o contexto social dessas jovens, observa-se que a função social feminina está relacionada à maternidade, ou seja, ser mulher para essas adolescentes equivale a ser mãe. O desejo de ter o filho poderá ser visto, então, como um desejo de completude narcísica, onde o filho será o objeto privilegiado que possibilitará a restauração do seu narcisismo infantil. A gravidez em adolescentes de classes populares assume, assim, um significado particular devido aos aspectos psicossociais que caracterizam essa classe social.

Desta forma, a questão que se evidencia não é a falta de informação mas a falta de formação. Fornecer o conhecimento sobre as questões referentes à fisiologia sexual e às práticas contraceptivas, se mostra uma política insuficiente e pouco eficaz para evitar as graves consequências que daí advém. O canal que leva esta informação deve se abrir e se permeabilizar à complexidade do universo

psicossocial destas adolescentes particularizando a significação da gravidez neste segmento social.

Por outro lado, é importante salientar que os enfoques tradicionais até aqui utilizados tratam esse tema a partir de um referencial idealizado de classe média, pressupondo que a gravidez na adolescência é freqüentemente indesejada. Portanto, é oportuno ressaltar que as propostas de intervenção tanto na área médica, psicológica ou sócio-educativa com essas adolescentes devem igualmente priorizar o significado desta gravidez e suas implicações subjetivas e culturais, para que possam obter resultados mais eficazes dando condições, deste modo, para que o número de gravidezes planejadas a priori possa ser realizado, diminuindo, conseqüentemente, o número de gravidezes "acidentais".

A influência religiosa também registra-se nesta problemática, na medida em que prega a não utilização de anticoncepcionais.

Análise mais aprofundada desta questão, sob o enfoque psicanalítico, mostra que, contrariamente a visão tradicional sobre este tema, a gravidez em adolescentes de classes populares não implica, necessariamente, em uma quebra maior ou muito traumática do desenvolvimento da sua sexualidade, nessa superposição da vivência da maternidade com a da adolescência. Entretanto, esta jovem que será filha e mãe ao mesmo tempo, terá características diferenciadas e dificuldades na elaboração das diversas etapas evolutivas da sua sexualidade, ficando, assim, prejudicada a vivência da sua maternidade, sendo que o filho aparece, em muitos

casos, como um presente da adolescente para a sua própria mãe.

A ausência de uma visão mais abrangente acerca das consequências da gravidez repercute tanto nos aspectos psicológicos, os quais se expressam em qualquer adolescente individualmente, quanto nos aspectos sócio-econômicos da sociedade brasileira como um todo, na medida em que a gravidez em adolescentes de classes populares multiplica as condições de reprodução da pobreza econômica e social .

Em suma, tal problemática assume relevância expressiva no atual contexto da realidade social brasileira merecendo uma compreensão mais aprofundada nos aspectos aqui analisados pelos vários profissionais envolvidos no atendimento à essas jovens.

BIBLIOGRAFIA

- . ABERASTURY, A. et al. *Adolescência*. 2ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- . ABERASTURY, A. *Adolescência Normal*. 3ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- . ANDRÉ, S. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.
- . ARAGÃO, L.T, de A. et al. *Clínica do Social : ensaios*. São Paulo, Escuta, 1991.
- . ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. 2 ed, Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.
- . ARIÈS, P. *Família e a cidade*, in *Família, psicologia e sociedade*. Rio de Janeiro, Campus, 1981.
- . ARNEY, W.R. e BERGEN, B.J. *Power and visibility: the invention of teenage pregnancy*, in *Soc. Sci. Med.*, vol. 18, n. 1, pg. 11-19, 1984.
- . BADINTER, E. *Um amor conquistado, o mito do amor materno*. 6ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1985.

- . BEMFAM. *Sexualidade e saúde reprodutiva da jovem brasileira*. Rio de Janeiro, Decs/Bemfam, 1986.
- . BEMFAM. *Pesquisa sobre saúde reprodutiva e sexualidade do jovem*. Rio de Janeiro, Depes/Bemfam, 1992.
- . BOLTANSKI, L. *Prime éducation et morale de classe*. 2 ed, Paris, Mouton, 1977.
- . BOLTANSKI, L. *As classes sociais e o corpo*. 2ed. Rio de Janeiro, Graal, 1984.
- . CABAS, A. *A função do falo na loucura*. Campinas, Papirus, 1988.
- . CANELLA, P. *Sexualidade na adolescência: valor da virgindade*, in *Femina*. vol 12, n 12, pg 1126-1128, 1984.
- . CHALAR SILVA, A. *Liberdade sexual e orientação social*, in *Femina*. vol 11, n. 12, pg. 965 - 968, 1983.
- . COSTA, J. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 3 ed, Rio de Janeiro, Graal, 1989.
- . DADOORIAN, D. *Maternidade: ilusão e castração*. Rio de Janeiro, 1990. Monografia. Curso de Especialização em Psicanálise da Universidade Santa Úrsula - USU.

- . DARZE, E. Gravidez na adolescência: aspectos psicossomáticos, in *Femina*, vol 13, pg 599-606, 1985.
- . Declaração de Oaxaca sobre fecundidade em adolescentes na América Latina e Caribe, in *Femina*. vol 18, n 5, pg 393-394, 1990.
- . DOERING, K.R. As adolescentes e o início do relacionamento sexual, in *Femina*. vol. 17, n 3, pg 203-214, 1989.
- . DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan*. 2ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
- . DRUMMOND, prof. M.C. Reprodução e Adolescência, in *I Congresso Nacional - A saúde do adolescente*. Rio de Janeiro, Academia Nacional de Medicina, 1991.
- . FLANDRIN, J.L. *Le sexe et l'occident*. Paris, Seuil, 1981.
- . FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, in *Obras Completas de Sigmund Freud*, Standard edition brasileira, 1905.
- . FREUD, S. Sobre as teorias sexuais das crianças, in *Obras Completas de Sigmund Freud*, Standard edition brasileira, 1908.

- . FREUD, S. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna, in *Obras Completas de Sigmund Freud*, Standard edition brasileira, 1908.
- . FREUD, S. Totem e Tabu, in *Obras Completas de Sigmund Freud*, Standard edition brasileira, 1913.
- . FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução, in *Obras Completas de Sigmund Freud*, Standard edition brasileira, 1914.
- . FREUD, S. Tabu da virgindade, in *Obras completas de Sigmund Freud*, Standard edition brasileira, 1917.
- . FREUD, S. As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal, in *Obras completas de Sigmund Freud*, Standard edition brasileira, 1917.
- . FREUD, S. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade, in *Obras completas de Sigmund Freud*, Standard edition brasileira, 1923.
- . FREUD, S. A dissolução do Complexo de Édipo, in *Obras completas de Sigmund Freud*, Standard edition brasileira, 1924.

- . FREUD , S Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos, in *Obras completas de Sigmund Freud*, Standard edition brasileira, 1925.
- . FREUD, S. Sexualidade Feminina, in *Obras completas de Sigmund Freud*, Standard edition brasileira, 1931.
- . FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: Feminilidade, in *Obras completas de Sigmund Freud*, Standard edition brasileira, 1933.
- . FRIAS, M. e MENDES, M.M.S. Algumas considerações sobre a fecundidade na adolescência, in *Simpósio Nacional O Segundo Brasil*. Rio de Janeiro, CEPPD, 1990.
- . HASS, A. *Sexualidade na Adolescência*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.
- . KNOBEL, M. *A adolescência e a família atual*. Rio de Janeiro, Atheneu, 1981.
- . LAPLANCHE, J. *Problemáticas II Castração Simbolizações*. São Paulo, Martins Fonters, 1988.
- . LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J-B. *Vocabulário da Psicanálise*. 8 ed, São Paulo, Martins Fontes, 1985.

- . LACAN, J. A significação do falo, in *Escritos*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- . LACAN, J. *Os Complexos familiares*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.
- . LACAN, J. *O Mito Individual do Neurótico*. Lisboa, Assirio e Alvim, 1980.
- . LO BIANCO, A.C. "Ideal" e "realização" familiares em dois grupos sociais da cidade do Rio de Janeiro. Campinas, 1986. Trabalho apresentado no Seminário Nacional sobre relações familiares. (mimeo).
- . LO BIANCO, A.C. Concepções de família em atendimentos psicológicos fora do consultório: um estudo de caso, in *Família, Psicologia e Sociedade*. Rio de Janeiro, Campus, 1981.
- . LOPES, G.P. e MELO, F.O.C. Anticoncepção na adolescência, in *Femina*. vol 11, n. 8, pg 626-630, 1983.
- . MAGTAZ et all. *Considerações sobre a Gravidez em mulheres de classe baixa com idade inferior a 18 anos*. Rio de Janeiro, 1990. Trabalho de Conclusão de Curso II. Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/Rio.

- . MALINOWSKI, B. *Estudios de psicología primitiva - el Complejo de Edipo*. Buenos Aires, Paidós, 1958.
- . MASOTTA, O. Edipo , castración , perversion , in *Cadernos Sigmund Freud* 4. Buenos Aires , 1974.
- . NASIO, J.D. *Os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.
- . NAVARRO VITAL BRAZIL, C. A pesquisa como produção de texto : desafios metodológicos , in *Psicologia Clínica* 2, 1987.
- . PATHFINDER FOUNDATION. *Saúde reprodutiva do jovem brasileiro - pesquisa em 5 cidades do Brasil*. Salvador, 1990.
- . RIBEIRO DA SILVA, M.G. *Prática Médica: dominação e submissão, uma análise institucional*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- . SAFOUAN, M. *Estruturalismo e Psicanálise*. São Paulo , Cultrix.
- . SALEM, T. *Mulheres faveladas: "com a venda nos olhos"*, in *Perspectivas Antropológicas da Mulher* 1. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

- SALLES, J.M. Adolescência, in *Femina*. vol 13, n. 1, pg 42-45, 1986.
- SILVA, J.L. de C.P. e PINOTTI, J.A. A saúde reprodutiva da adolescente, in *Femina* , vol 15, n. 6, 1987.
- SÓFOCLES. *Rei Édipo*. Rio de Janeiro, edições de ouro.
- TAQUETTE, S. *Sexo e gravidez na adolescência*, Ribeirão Preto, 1991. Dissertação de Mestrado. Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - USP.
- VITTIELLO, N. Gestação na adolescência, in *Femina*, vol 9, pg 527-532, 1984.
- VITTIELLO, N. Sexualidade na adolescência, in *Femina*, vol 12, n. 9, pg 825-835, 1984.
- WONG, L.L.R. e MELO, A.V. Considerações sobre o processo da reprodução na adolescência: uma análise preliminar, in *Simpósio Nacional o segundo Brasil*. Rio de Janeiro, CEPPD, 1990.

ANEXOS

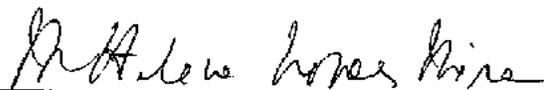
- MODELO DA ENTREVISTA:

- 1) Nome; idade; estado civil; local de moradia; renda familiar; e período de gestação; escolaridade dos pais.
- 2) Você estuda? Qual a série que você está cursando? É escola pública ou particular?
- 3) Você continua estudando depois que engravidou? Porquê?
- 4) Qual foi a reação da sua escola frente à sua gravidez?
- 5) Você trabalha? Qual é o seu emprego?
- 6) Você continua trabalhando depois que engravidou?
- 7) Qual foi a reação das pessoas no seu emprego frente a sua gravidez?
- 8) Atualmente, com quem você mora? E antes de engravidar, com quem você morava?
- 9) Como é formada a sua família?
- 10) Como é o seu relacionamento com os seus pais?
- 11) E com os seus irmãos?
- 12) Você têm amigos? Como é o seu relacionamento com eles?
- 13) E com os seus vizinhos e outros parentes?
- 14) Vamos falar agora sobre os seus pais:
 - com quantos anos eles se casaram?
 - com quantos anos a sua mãe teve o seu primeiro filho? Ela já era casada?
 - como é o relacionamento deles atualmente?
- 15) Com quantos anos você "ficou moça"?
- 16) A sua mãe conversou com você sobre a menstruação? E sobre sexo?
- 17) Com quantos anos você começou a namorar?

- 18) Com que idade você teve o seu primeiro relacionamento sexual?
- 19) O que te levou a querer iniciar a sua vida sexual?
- 20) A gravidez interferiu na sua vida sexual?
- 21) Você contou aos seus pais que "tinha se perdido"? Porquê? Caso não, a quem você contou?
- 22) Qual foi a sua reação quando você soube que estava grávida?
- 23) Você pensou em abortar?
- 24) Você tomou alguma precaução em função da AIDS?
- 25) E o seu namorado, qual foi a reação dele frente a sua gravidez?
- 26) E a sua família, como ela reagiu?
- 27) E a família do seu namorado, como eles reagiram?
- 28) Qual foi a reação dos seus vizinhos e amigos?
- 29) O que você espera do seu filho?
- 30) O que esse filho representa para você?
- 31) Você tem planos para ele?
- 32) É você quem vai criá-lo?
- 33) O que você planeja fazer após o nascimento do seu filho?
- 34) Quais são os seus planos para o seu futuro?
- 35) Você e o seu namorado tem algum plano com relação ao futuro de vocês?
- 36) Esta é a sua primeira gravidez? Caso não, quantos anos tinha na sua primeira gravidez?
- 37) Você engravidou logo depois da sua primeira relação sexual?
- 38) Você tem conhecimento sobre métodos para evitar a gravidez?
- 39) Você usou algum método contraceptivo quando iniciou a sua vida sexual? Qual? Caso não, porquê não usou?

- 40) Você sabia que poderia engravidar se não utilizasse nenhum método anticoncepcional?
- 41) Quem te informou sobre esses métodos?
- 42) Geralmente, com quem você conversa sobre sexo?
- 43) No seu colégio tem aula de educação sexual? Caso sim, o que você acha dessa aula? Ela te ajudou de algum modo?
- 44) Se você pudesse escolher, que pessoa você acha que seria mais indicada para o jovem conversar sobre sexo e receber informação sexual?
- 45) Você acha que a jovem deve se preocupar em usar algum método quando têm relações sexuais? Porquê?
- 46) Você se sente à vontade para pedir informação sexual para o seu médico ou no hospital que você se consulta?
- 47) Com quantos meses você procurou o pré-natal?
- 48) Você acha que esse atendimento é importante? Porquê?
- 49) Como você está se sentindo diante do filho que vem?

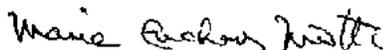
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Diana Dadoorian intitulada "A Gravidez Desejada em Adolescentes de Classes Populares", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Maria Helena Novaes Mira
Professor Orientador/PUC-Rio



Esther Maria de Magalhães Arantes
PUC-Rio



Maria Euchares Senna Mota
PUC/Rio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 02 / 09 / 1994



Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação
do Centro de Teologia e Ciências Humanas